

Além das quatro linhas

violência no futebol

entre torcedores organizados de CRB e CSA

Shelton Machado de Melo Silva

Além das quatro linhas

violência no futebol

entre torcedores organizados de CRB e CSA

LIVRO-REPORTAGEM | NOVEMBRO 2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale – CRB4/661

S586a Silva, Shelton Machado de Melo.
Além das quatro linhas : violência no futebol entre torcedores organizados de CSA e CRB / Shelton Machado de Melo Silva. – 2024.
22 f. : il.
Orientador: Anderson David Gomes dos Santos.
Relatório Técnico (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2024.
Bibliografia: f. 20.
Apêndices: f. 21-22.
1. Jornalismo. 2. Futebol – Maceió (AL). 3. Violência. 4. Torcidas organizadas.
I. Título

CDU: 070:796.332



Sobre o trabalho

Livro-reportagem apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre atuais dilemas acerca da violência setorial relacionada ao futebol em Maceió, Alagoas, entre torcedores da Mancha Azul (CSA) e do Comando Alvirubro (CRB). O caderno é composto por relato subjetivo do formando, dados oficiais de pesquisa inédita, declarações em entrevista com membros das torcidas, depoimentos contextualizados de autoridades públicas, entidades e associações desportivas diretamente relacionadas com a punição e a prevenção desse fenômeno extra-campo.





Índice

Capítulo 1	<u>APRESENTAÇÃO</u>	5
Capítulo 2	<u>VIOLÊNCIA NO FUTEBOL ENTRE TORCEDORES DA MANCHA AZUL E DA COMANDO ALVIRRUBRO</u>	17
Capítulo 3	<u>O QUE DIZ QUEM ESTUDA O ASSUNTO?</u>	41
Capítulo 4	<u>O QUE DIZEM OS TORCEDORES?</u>	55
Capítulo 5	<u>O QUE DIZEM CSA E CRB?</u>	81
Capítulo 6	<u>O QUE É FEITO EM ALAGOAS PARA COMBATER A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL?</u>	88

Apresentação

O texto que segue reúne e apresenta memórias únicas de quando pude acompanhar torcedores simpatizantes e membros do Grêmio Recreativo Esportivo e Cultural Torcida Organizada Mancha Azul e do Grêmio Recreativo Social Cultural Torcida Organizada Comando Alvirrubro até o Estádio Rei Pelé, localizado no bairro Trapiche, em Maceió (Alagoas), durante dias de jogos do CSA e do CRB na terceira rodada e na final do Campeonato Alagoano de 2024, respectivamente.

A Mancha e a Comando são as principais torcidas organizadas do Centro Sportivo Alagoano (CSA) e do Clube de Regatas Brasil (CRB), nessa ordem. A reportagem acompanhou os fãs dessas torcidas nos dias 28 de janeiro e 6 de abril. No primeiro jogo, o CRB venceu o CSA por 3x1, com mais de 10 mil pessoas presentes no estádio, de acordo com o boletim financeiro da partida. Já no segundo jogo, o CRB derrotou o ASA, conquistando o 34º título estadual de sua história, com a presença de mais de 17 mil torcedores na arena esportiva da capital alagoana.

Para vivenciar o contexto dos jogos entre os torcedores e coletar entrevistas e fotos para esta reportagem, obtive, previamente, permissão de integrantes da Mancha e da Comando para acompanhar e fotografar os fãs momentos antes dos duelos, no primeiro semestre de 2024.

Durante as ocasiões, conversei exclusivamente com torcedores do CSA em janeiro e apenas com torcedores do CRB em abril. Não foi possível entrevistar membros das duas torcidas no início do ano. A abordagem facilitou minha aproximação com as torcidas, algo mais difícil quando de acontecer os times rivais duelam, já que, historicamente, ocorrem confrontos físicos entre os membros das duas agremiações, ou entre os torcedores utilizando uniformes das organizadas.

Nos dias de clássicos entre CSA e CRB, conhecidos como “Clássico das Multidões”, o entorno do Estádio Rei Pelé, em Maceió, fica repleto de torcedores com as camisas do time mandante. Familiares, amigos e curiosos circulam pelas ruas da Avenida Siqueira Campos, no bairro do Trapiche, em Maceió, Alagoas, aguardando o início da partida.

CSA x CRB: paz

Assim ocorreu nas duas ocasiões dos jogos que acompanhei. Na primeira, em janeiro, no dia do clássico entre CSA e CRB, tive mais tempo para observar momentos de interação entre grupos distintos de torcedores do CSA, conhecidos como azulinos, equipe que jogava em casa naquele dia. A torcida Mancha Azul, juntamente com outros movimentos, organizou uma "caminhada da paz" até o Estádio Rei Pelé, no domingo, dia 28.

O encontro foi marcado para a Praça da Faculdade, no bairro Prado, em Maceió, a partir das 14h. Cheguei ao local por volta das 14h30 e encontrei torcedores azulinos dispersos. Conversei com alguns deles e expliquei o motivo da minha presença: fotografar a caminhada, considerada de grande importância para eles, para a realização do meu TCC.

No dia 27 de janeiro de 2024, um dia antes do clássico, a Mancha Azul publicou um convite em seu perfil no Instagram para a passeata. A caminhada contou com a participação de membros e simpatizantes dos grupos CSAmigos, Empodera Azul, Povão Azulino, Movimento Sangue Azul e Azulão Chopp, os principais movimentos de apoio ao clube.

Dizia a mensagem:

“No clássico deste domingo (28), as torcidas do CSA promoverão, além da nossa tradicional festa nas arquibancadas, uma caminhada em prol da paz. **Todos sabemos o momento que estamos enfrentando**, e agora mais do que nunca é tempo de fazer valer a nossa UNIÃO e FORÇA. Convocamos a Nação Azulina a se fazer presente. A concentração será às 14h na Praça da Faculdade. Vamos juntos em prol e fazer o que fazemos nosso melhor: apoiar o Centro Sportivo Alagoano”.



Figura 01. Print da publicação no Instagram.
Fonte: reprodução/@manchaazulsampa/2024

O trecho "**todos nós sabemos o momento que estamos enfrentando**" refere-se às constantes punições que a Mancha Azul, assim como a Comando Alvirrubro, tem enfrentado nos últimos anos devido a casos isolados de confrontos envolvendo membros dessas torcidas, além de crimes e delitos de diferentes gravidades cometidos por integrantes das organizadas e por pessoas em cargos de liderança.

O objetivo implícito da mensagem publicada na conta do Instagram da Mancha Azul Sampa foi, além de convocar os membros para comparecer ao jogo, passar à imprensa e às autoridades responsáveis pela punição e prevenção da violência no futebol em Maceió (Alagoas), a imagem de que esses torcedores estavam realmente unidos em apoio à equipe azulina.

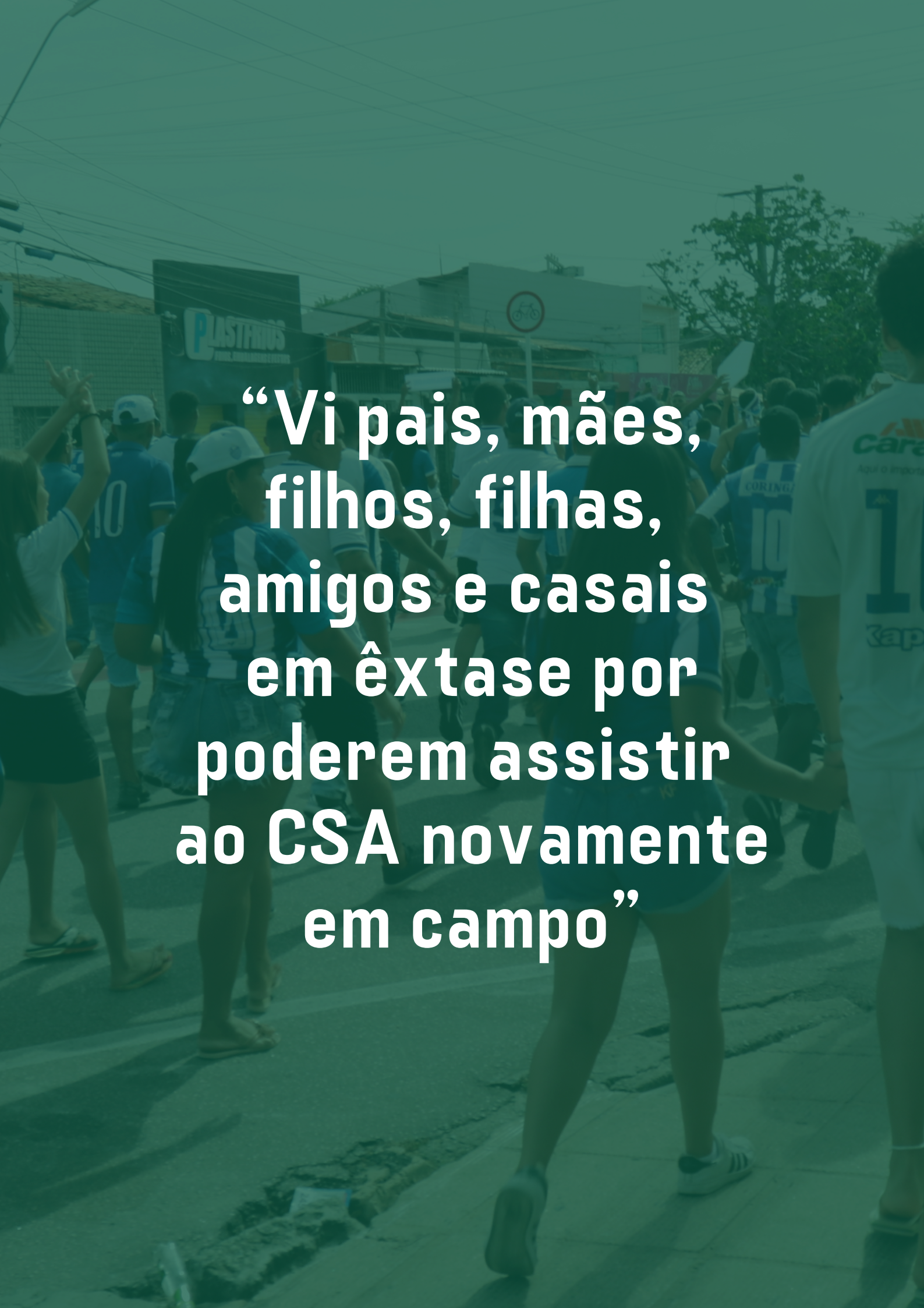
A câmera fotográfica com a qual estava me deu credibilidade ao chegar à praça. Transmitiu uma imagem profissional sobre o motivo da minha presença, facilitando tanto a comunicação verbal quanto a visual. O gesto positivo com a cabeça e o pedido para fotografá-los imediatamente me deixou mais tranquilo e fez com que eles se sentissem à vontade. Conquistei sua confiança.

Como alguns líderes dos grupos de torcedores ainda não haviam chegado, lembro que, em uma primeira interação, perguntei a um jovem azulino sobre a importância de o CSA vencer o clássico contra o maior rival. Conquistar essa vitória na estreia do então treinador Marcelo Cabo, na época, seria um grande feito para alegrar os torcedores.

“Tem que vencer, senão a gente ‘entra’ na porrada”

disse, em tom de brincadeira, um azulino que estava na praça.

Fiquei mais de uma hora lá, cercado por torcedores apaixonados, com a câmera em mãos. Registrei alguns momentos, mas esperei os líderes de cada grupo chegarem para vivenciar a experiência que procurava: observar reações, conversas e comportamentos daquele ambiente cívico, esportivo e amistoso, a princípio. Vi pais, mães, amigos e casais em êxtases e ansiosos por poderem assistir ao CSA novamente em campo.



**“Vi pais, mães,
filhos, filhas,
amigos e casais
em êxtase por
poderem assistir
ao CSA novamente
em campo”**



Figura 02. Torcedoras de movimentos do CSA reunidas em Maceió. Fonte: Shelton Machado/AcervoPessoal.

Na maioria das vezes, os homens se comunicavam utilizando uma linguagem verbal impregnada de violência simbólica, como, por exemplo, o grito "Ei, viado!", uma expressão que, em contextos formais, normalmente não seria usada. Essa linguagem desempenha uma função específica, funcionando como um rito de aceitação social entre os torcedores: "Eu valido o que você diz e faço parte disso."

**“Ei Ei Ei quem não pular é CV (Comando Vermelho) gay!
Ei Ei Ei quem não pular é CV gay!”**,

os homens cantavam e pulavam enquanto aguardavam pelo ônibus do CSA.

**“Temos que parar, parar, parar, parar pra dá porradaaa.
Dá porrada na CV / Dá porrada na CV / Cuzão tem que morrer!
Alá-lá-ô, ô-ô-ô, ô-ô Mancha chegou ô-ô-ô, ô-ô”**

Curioso que parte do cântico, conhecido entre os torcedores, seja uma adaptação de uma das marchinhas mais populares, que ainda toca nos bailes de carnaval brasileiros: Allah-La-Ô (1941), de autoria de Haroldo Lobo e Antônio Nássara.

A primeira frase da marchinha de carnaval Allah-La-Ô, (Haroldo e Nassara, 1941), diz: “Allah-la-ô, ô-ô-ô, ô-ô-ô / Mas que calor, ô-ô-ô, ô-ô-ô”.

As mulheres, por outro lado, estavam mais calmas, reunidas em grupos na praça. De vez em quando, se animavam com o cântico, liderado pelos homens, que exaltava o orgulho de torcer pelo CSA e o desprezo pela torcida do time rival.

Desentendimento

Também presenciei um momento de tensão antes de seguir em direção ao Estádio Rei Pelé naquele 28 de janeiro de 2024. Um rapaz, vestido com uma camisa vermelha, semelhante à do time rival, apareceu na praça. Imediatamente, um grupo de torcedores do CSA se aproximou e cercou o jovem. Outro conhecido do rapaz tentou acalmar os ânimos da turma, que estava visivelmente irritada.

A sensação era de que algo mais grave, como um conflito físico, poderia acontecer a qualquer momento. Enquanto isso, outros simpatizantes da Mancha Azul e dos demais movimentos de torcedores, observavam a situação de longe, sem querer se envolver.

No início da confusão, peguei minha câmera e tentei registrar a cena. “Não, não, irmão. Filma não, senão a gente se ‘ferra’”, disse um adolescente, nervoso. O rapaz parecia ter uns 20 anos. Muitos dos torcedores ali presentes eram bem jovens, e a maioria se movimentava em grupos, uma característica comum entre os torcedores organizados atualmente.



Figura 03. Momento do desentendimento entre torcedores do CSA. Fonte: Shelton Machado/AcervoPessoal.

“Corações e cérebros unidos”

Relato Pessoal

A confusão foi dispersada com a chegada da cavalaria da Polícia Militar de Alagoas (PMAL). Instantes depois, o ônibus do CSA passou pela pista e, então, no meio da avenida, aquele cenário hipotético de briga “mudou da água para o vinho”: todos os torcedores presentes na praça da Faculdade se juntaram em torno do ônibus para incentivar os jogadores do CSA em mais um jogo. A cena única foi bonita.

No percurso até o Rei Pelé, o trânsito ficou mais lento, o que já era esperado, considerando o clássico. Veículos disputavam espaços na Avenida Siqueira Campos. O cenário ficou assim até a chegada da cavalaria da PM, que durante o trajeto, precisou conversar pelo menos três vezes com os líderes que comandavam aquela caminhada a fim de acalmar os ânimos da multidão, empolgada, feliz, e em êxtase de ver o CSA disputar mais um clássico.



Figura 04. Maceió, janeiro de 2024. Fãs do CSA na Praça da Faculdade. Fonte: Shelton Machado/Acervo Pessoal.



Figura 05. Torcedores do CSA a caminho do Estádio Rei Pelé. Fonte: Shelton Machado/Acervo Pessoal.

Enquanto os torcedores caminhavam de mãos dadas, "corações e cérebros unidos", em direção ao Rei Pelé, exaltando a honra de torcer pelo clube e provocando a Comando Alvirrubro, comerciantes, crianças e moradores que passavam por ali observavam, como se perguntassem: "O que está acontecendo?"

Havia uma mistura de tensão, alegria, curiosidade e perplexidade nos olhares de quem assistia aquela multidão em total sintonia. Perto do estádio, os fã dos CSA se dispersaram e ficaram pelos arredores minutos antes de a partida começar.

Antes de acompanhá-los, conversei com uma das líderes do Núcleo Feminino da Mancha Azul, Carol Oliveira. Criado em 2005, o núcleo conta com 40 mulheres ativas, que são responsáveis pelas ações sociais e de comunicação da organizada.

A entrevista pode ser encontrada na parte 4 desta reportagem. No campo, naquele domingo, 28 de janeiro de 2024, o dia foi bem melhor para os torcedores do CRB. O clube regatiano venceu o primeiro clássico do ano, derrotando o rival CSA por 3 a 1, com facilidade, como a mídia esportiva alagoana já havia especulado a vitória regatiana.

CRB x ASA

O bom desempenho do Galo (apelido do CRB) no início de 2024 facilitou minha aproximação com o Comando. Dessa forma, tive a chance de conversar com o atual presidente da torcida organizada do CRB, Philippe Marques, sobre a própria torcida e sobre o tema "violência no futebol".

Isso ocorreu porque, quando um time está em uma fase ruim em uma competição, a comunicação com a equipe, como instituição, e com a torcida organizada se torna difícil, já que o momento envolve cobranças internas e externas. Foi o que aconteceu quando tentei, em diversas ocasiões, entrevistar, até por telefone, representantes da Mancha Azul.

Essas tentativas coincidiram com a fase negativa do CSA. Durante meses de produção deste livro-reportagem, recebi vários "vácuos" via WhatsApp de dirigentes da torcida organizada do CSA. Também fui algumas vezes até a sede do clube, mas não consegui avançar em meu objetivo simples de entrevistar quem vive o cotidiano da organizada.

O único contato mais próximo que tive com alguém da Mancha foi com uma das líderes do grupo feminino. No caso do CRB, a persistência trouxe resultados. A entrevista com o presidente do Comando aconteceu no dia 27 de março de 2024, no Casarão do CRB, no bairro Jaraguá, em Maceió.



Figura 06. Placa com informe na entrada do Casarão do CRB. Fonte: Shelton Machado/AcervoPessoal.

Estar com os torcedores do Galo também foi um momento enriquecedor para mim, enquanto fã de futebol. Considerando a entrevista amigável com Philipe, pensei que teria mais facilidade para obter informações importantes e interagir com outros torcedores do CRB nas proximidades do Rei Pelé, no Trapiche, no dia do jogo contra o ASA. No entanto, isso não aconteceu como eu imaginava.

Os diversos grupos de torcedores do clube não organizaram uma caminhada, mesmo tendo o mando de campo e a possibilidade de sair mais tranquilos nas ruas com a camisa vermelha e branca. A maioria dos regatianos foi ao estádio de carro ou de transporte público.

Cheguei então à Siqueira Campos. A avenida estava repleta de torcedores de todas as idades. Três horas antes da partida, marcada para as 17h, os fãs já tomavam as principais ruas e esquinas próximas ao estádio, aguardando recepcionar os atletas do clube para incentivar a busca por mais um título.



Figura 07. Torcedores do CRB aguardam fila para pegar ingressos. Fonte: Shelton Machado/Acervo Pessoal.



Figura 08. Fãs do CRB recepcionam ônibus do clube. Fonte: Shelton Machado/Acervo Pessoal.

Mais uma vez, a câmera fotográfica, minha ferramenta de trabalho, facilitou minha aproximação com as pessoas perto do estádio e me permitiu conversar e fotografar diversos torcedores: amigos, familiares, jovens, mulheres, crianças, pais e mães, todos vivenciando um ambiente alegre e amistoso, especialmente considerando a campanha do CRB no campeonato estadual.

Com a câmera em mãos, não foi difícil ser parado várias vezes para registrar momentos entre amigos. Embora conversar com alguém naquele instante fosse praticamente impossível devido ao barulho, a câmera me proporcionou a oportunidade de perceber nuances, observando a quantidade de pessoas reunidas ali.

Grupos sociais de torcedores com maior poder aquisitivo (perceptível pelo transporte, vestimenta e acessórios que usavam) ficaram em ambientes mais tranquilos, sociamente organizados. Já os torcedores de classe econômica mais baixa se reuniram em grupos espalhados pelas esquinas da Siqueira Campos.

Nessas esquinas, a interação entre grupos de regatianos era constante, assim como o consumo de bebidas alcoólicas e cigarros. Ao redor do posto de gasolina perto do estádio, carros com som alto eram visíveis. No chão, muita sujeira, algo comum em dias de jogo. O entorno da arena estava repleto de vendedores de diversos produtos, como bebidas, comidas, mascotes e camisas dos clubes.

Todos disputavam espaço nas proximidades da arena. A oferta e demanda giravam em torno da principal atração: a partida de futebol, que no caso era o jogo do CRB contra o ASA, evento de entretenimento e movimentava o comércio local. Transitei entre os grupos, assim como a cavalaria da Polícia Militar (PM).

Houve até um momento de brincadeira esportiva envolvendo os jogadores do CRB, Anselmo Ramon, e o do ASA de Arapiraca, Didira. Explico: o Galo havia sido campeão nas duas finais anteriores do Alagoano contra o rival do interior. Se vencesse novamente, o que aconteceu, seria o terceiro triunfo consecutivo. A zoação foi direcionada a Didira, o melhor jogador técnico do ASA na época.



Figura 09. Torcedores do CRB zoam Didira, ex-jogador do ASA. Fonte: Shelton Machado/Acervo Pessoal.

Apesar das diferenças sociais e econômicas entre os fãs, um fato chamou atenção: quando o ônibus do CRB chegou próximo ao estádio Rei Pelé, todos que estavam na avenida se misturaram, em um só coro: enaltecendo a equipe. Isso é algo característico do futebol: unir pessoas de diferentes origens. Uma paixão mundial que atravessa fronteiras, mesmo que por alguns instantes, na vitória ou na derrota.

Ao longo do tempo que passei no local, presenciei a tradicional abordagem policial dos torcedores que adentravam no estádio, famílias na fila ansiosas para chegar nas arquibandas e alguns policiais militares circulando na Siqueira Campos, para garantir a segurança fora do estádio.

No dia 6 de abril, o favoritismo do CRB se confirmou. A equipe, que havia vencido por 1 a 0 em Arapiraca, derrotou o ASA novamente, desta vez por 3 a 1, e conquistou o título estadual. A descrição desse momento reflete, em parte, o conteúdo da entrevista amigável com o presidente do Comando Alvirrubro, realizada um dia antes da final[ossima, marcada, inclusive, por briga e expulsões entre jogadores. O relato dessa conversa também pode ser encontrado na parte 04 deste livro-reportagem.

**VIOLÊNCIA NO FUTEBOL
ENTRE MEMBROS DA MANCHA AZUL
E DA COMANDO ALVIRRUBRO**

Torcida Organizada

Capítulo 2

A violência no futebol em Alagoas repercute na imprensa pelo menos desde 2005. Naquele ano, o Ministério Público de Alagoas (MPAL) solicitou ao Tribunal de Justiça de Alagoas (TJAL) a dissolução da Mancha Azul (CSA) e do Comando Vermelho (CV), atual Comando Alvirrubro (CRB), após um incidente de vandalismo envolvendo supostos membros das torcidas na ruas parta baixa da cidade, em Maceió.

A petição foi elaborada pelo promotor de Defesa do Consumidor de Alagoas da época, Alex Martins. A confusão aconteceu em setembro, na principal arena esportiva do estado, o estádio Rei Pelé, após um jogo entre CSA e CRB válido pela extinta Copa Alagipe, atual Copa Alagoas.

De acordo com uma cópia do processo de Embargos e Declaração do MPAL sobre as organizadas (0020081-63.2005.8.02.0001/50002), à qual a reportagem teve acesso, o episódio de 2005 foi marcado por "depredação de viaturas policiais e bens particulares", "cidadãos feridos e molestados", a "detenção de 180 torcedores pela Polícia Militar (PM)" e a "apreensão de frascos de 'cheirinho de loló' (entorpecente), uma faca peixeira, uma pistola de brinquedo e maconha".

Naquela ocasião, o Judiciário de Alagoas rejeitou a apelação cível solicitando a dissolução da Mancha Azul e do antigo Comando Vermelho (CV), que, na época, mudou de nome para "Comando Alvirrubro" para evitar ser banido, já que não tinha existência jurídica. O processo de extinção das torcidas tramitou na 11ª Vara Cível de Maceió. Um recurso contra a decisão foi aguardado, mas o caso só foi julgado 13 anos depois, em abril de 2018, pelo desembargador do TJAL, Tutmés Airan de Albuquerque Melo, que foi entrevistado pela reportagem em 2022.

Como relator do processo, o magistrado considerou um ato radical acatar o pedido de extinção da Mancha e do Comando, já que as torcidas organizadas apresentaram provas de que os responsáveis pelos distúrbios, incluindo a depredação do patrimônio público e a posse de objetos ilícitos, não tinham vínculo com as organizadas, e que os indivíduos responsáveis foram detidos fora do estádio Rei Pelé.



Figura 10. Desembargador Tutmés Airan. Fonte: Reprodução/Caio Loureiro/TJAL.

“O que eu concluí no período, e ainda concluo hoje tranquilamente, foi que as organizadas, enquanto instituição, fazem muito bem ao espetáculo futebolístico. Aliás, se você tirar as torcidas organizadas do campo, o espetáculo ‘murcha’. Quem faz a agitação, contagia os demais torcedores, quem produz as músicas, que ecoam no estádio, são as organizadas; elas são partes componentes importantes do futebol, e não podemos extinguir isso, pelo contrário: você tem que estimular esse fenômeno”, afirmou.

O desembargador, por outro lado, também reconheceu não concordar com “estupidezes ou excesso de alguns torcedores”.

“Você se põe diante de um dilema quando isso acontece. Como fazer para obter algum controle de modo a possibilitar uma convivência com torcidas rivais? É preciso construir alternativas de controle. Uma alternativa mais recorrente é aquela de torcida única nos clássicos”.

Torcida única em clássicos

Muito se debate no mundo do futebol e na imprensa brasileira sobre a eficácia da estratégia que limita o acesso aos estádios de futebol apenas aos torcedores do clube mandante, especialmente em jogos entre times rivais, com o objetivo de evitar novos incidentes nas proximidades dos estádios.

Em Alagoas, a reportagem revelou que a torcida única no clássico entre CSA e CRB foi implementada, pelo mesmo, já no Campeonato Alagoano de 2017. A medida foi adotada pela Federação Alagoana de Futebol (FAF) após a pressão gerada pela confusão ocorrida na final do torneio estadual de 2016, marcado por briga generalizada em campo. O modelo utilizado foi inspirado na estratégia da Federação Paulista de Futebol (FPF), recorda Felipe Feijó, atual presidente da FAF.

“Na época, em 2017, foi a forma que a gente encontrou para aliviar a incidência de conflitos. O modelo mais fácil é realizar os jogos com uma torcida, mas e a outra torcida? O espetáculo como um todo? Acabam sendo prejudicados [...], mas a medida ajudou a diminuir a incidência de conflitos no estádio, desde então”, comentou.

Na ocasião, o TJAL atendeu à ação do MPAL, por meio do Juizado do Torcedor de Maceió, determinando que os clássicos entre os dois principais clubes de futebol de Alagoas fossem disputados exclusivamente com a presença da torcida organizada do time mandante e realizados no interior do estado. A FAF, então, comunicou a decisão à Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Contudo, a liminar foi válida apenas para o Campeonato Estadual de 2017, sendo retomada posteriormente pelo MPAL quando novos incidentes envolvendo membros das torcidas organizadas, como suspeitas de participação direta em agressões e mortes de torcedores rivais, além de crimes relacionados ao tráfico de drogas e à formação de associações criminosas, passaram a ganhar destaque na mídia alagoana.



Figura 11. Presidente da FAF em reunião com membros das organizadas de CSA e CRB em setembro de 2022. Fonte: Reprodução/Caio Loureiro/TJAL.

“Batalha campal”

No dia 8 de maio de 2016, CRB e CSA disputavam mais um título no estádio Rei Pelé. Mais de 17 mil pessoas, incluindo torcedores das duas principais equipes, estavam nas arquibancadas da arena esportiva em Maceió.

Antes do término da partida, após o CRB marcar 1 a 0, garantindo o título, torcedores regatianos invadiram o gramado do Trapichão (como é conhecido o estádio Rei Pelé) para comemorar. No mesmo instante, torcedores do CSA também entraram em campo. A presença das torcidas rapidamente gerou confusão, com jovens de ambos os lados iniciando uma série de agressões com socos e pontapés, dentro e à beira do gramado, perto do fotojornalistas.

A partida estava sendo transmitida ao vivo, em horário nobre. A briga durou 33 segundos. Nesse momento, os policiais militares ainda estavam à beira do gramado, distantes da violência. Enquanto jornalistas reportavam ao vivo as agressões, fotógrafos capturavam imagens e vídeos de toda a confusão.



Figuras 12 e 13. Momento da confusão no Rei Pelé em 2016. Fonte: Ailton Cruz/Cortesia.

A repercussão midiática da briga em Maceió alcançou proporções internacionais, pressionando as autoridades legais e esportivas de Alagoas a tomar uma decisão sobre a presença das torcidas organizadas nos estádios, especificamente a Mancha e o Comando. A confusão, por sua vez, a partir daquele ano, se tornou "um divisor de águas", afirma Felipe Feijó, acelerando o debate sobre o tema.

“Aqui em Alagoas, teve um ‘divisor de águas’, que foi o incidente em 2016 na final do campeonato estadual. Acho que as coisas mudaram um pouco daquele incidente para cá”, comenta o presidente, afirmando também que:

“as próprias torcidas se conscientizaram e viram o quanto é doloroso para elas também, porque, como eu falei anteriormente, por conta de alguns poucos integrantes ali, que cometeram uma ‘selvageria’, uma torcida inteira foi penalizada durante um tempo; o prejuízo acabou saindo para todo mundo. A gente não teve incidente mais daquela proporção de lá para cá. Pontualmente, acontecem diversos incidentes não só relativos à Comando e à Mancha, mas com torcidas organizadas que vêm de outros estados [do Brasil]”, disse.

Como noticiado pela Folha de S.Paulo (2016), cinco pessoas foram levadas ao Hospital Geral do Estado (HGE), a maioria com escoriações leves. Entre os feridos, um jovem de 17 anos. Ele foi cercado e agredido por cerca de 15 azulinos; chegou ao HGE em estado grave, com traumas faciais, e precisou passar por avaliação neurocirúrgica. O jovem foi liberado no dia 9 de maio.

Mais de 300 policiais faziam a segurança do jogo, mas não conseguiram evitar a invasão e os conflitos entre os torcedores, que só foram "controlados" 33 segundos depois. No mesmo dia, Renan Filho, então governador de Alagoas, na época, se manifestou nas redes sociais repudiando a confusão, e afirmou que os "bandidos travestidos de torcedores" deveriam ser punidos severamente.

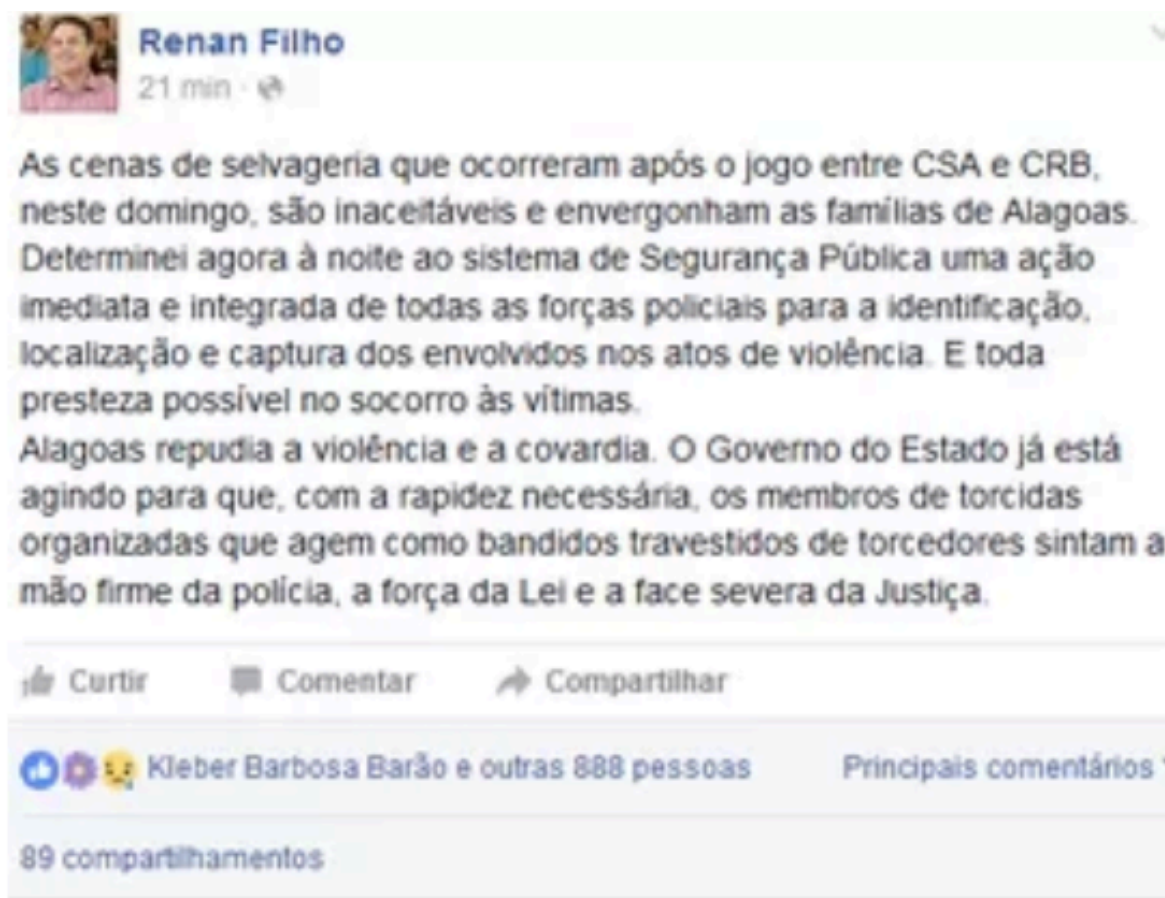


Figura 14. Ex-governador de Alagoas, em 2016, Renan Filho repudia agressões e confusão na final do Campeonato Alagoano. Fonte: Reprodução/g1AL.

Nesse caso, a FAF, o CRB e o CSA indicaram, sem afirmar necessariamente, que houve erro ou negligência por parte da PMAL na garantia da segurança no campo, suspeita que o Conselho de Segurança Pública (Conseg) se comprometeu a investigar na época. A reportagem tentou entrar em contato com um representante da PMAL para comentar o caso, mas não obteve uma resposta clara.

Ainda em 2016, foi formada uma comissão de delegados para investigar a briga. No dia 9 de maio, uma segunda-feira, um dia após a confusão, quatro pessoas suspeitas foram presas. Segundo matéria divulgada portal TNH1 (2016), a SSPAL apresentou os suspeitos durante uma reunião na capital. Todos foram autuados por tentativa de homicídio e encaminhados à Casa de Custódia da cidade.

Condicionantes

Após a confusão de 2016, o banimento das torcidas voltou a ganhar destaque na imprensa local, gerando uma nova reunião entre as autoridades legais do estado. Representantes do MPAL, do Tribunal de Justiça Estadual (TJAL) e do Conseg se reuniram para discutir o reforço do banimento definitivo das organizadas do CSA e do CRB, uma medida que já havia sido recusada pelo TJAL em 2015.

Novamente, a Mancha Azul e o Comando Alvirrubro sofreram apenas punições no âmbito esportivo, enquanto, no campo legal, poucas pessoas foram efetivamente identificadas e suspensas de frequentar os estádios.

Essas punições representam medidas alternativas impostas às associações pelo MPAL, que realiza um "trabalho de prevenção e punição" por meio do Juizado Especial e Criminal do Torcedor da Capital, como explica a promotora Sandra Malta.

“A gente previne com as ações civis públicas, com os TACs [Termo de Ajustamento de Conduta], com as recomendações de suspensão, conversando com os torcedores. Quando há necessidade, há proibição”.

O juizado tem a competência para julgar casos de natureza criminal com menor potencial ofensivo (Lei 9.099/1995), como ameaças, lesões corporais e uso de entorpecentes; os delitos mais graves são analisados pela justiça comum.

“Nos casos de infrações de baixo potencial ofensivo [como invasão de campo ou consumo de entorpecentes no estádio, por exemplo], a pena aplicada geralmente é a proibição de o torcedor frequentar os estádios por um período de seis, sete ou até oito meses. Houve punições de até um ano. E como controlamos isso? Através de um convênio com a PMAL”, explicou a promotora.

Desde 2019, o Juizado Criminal do Torcedor atua no plantão criminal no estádio Rei Pelé, em Maceió. Dada a frequência dos conflitos entre membros da Mancha Azul e do Comando Alvirrubro, o plantão passou a ser realizado exclusivamente nos dias de jogos entre CSA e CRB, o famoso “Clássico das Multidões”.

Punição alternativa

Nos últimos 10 anos em Alagoas, foram impostas diversas punições alternativas à Mancha Azul e à Comando Alvirrubro, como jogos com torcida única, partidas sem público, suspensão do acesso das organizadas aos estádios de futebol do estado com uniformes característicos e o fechamento das sedes das associações.

A reportagem identificou que as autoridades recorreram a essas punições, tanto preventivas quanto punitivas, em várias ocasiões na última década. Isso aconteceu em 2015, 2016, 2019, 2021, 2022, 2023 e 2024. Em algumas situações, apenas uma das torcidas foi punida, mas, na maioria das vezes, ambas sofreram as penalidades simultaneamente.

Em 2013, por exemplo, a FAF criou o regulamento Nº 002/13, proibindo a Mancha e a Comando de assistirem aos jogos de CSA e CRB organizados pela CBF naquele ano. Em 2023, a proibição foi ampliada: os torcedores das organizadas ficaram impedidos de frequentar os estádios uniformizados em todas as competições em que CSA e CRB estavam participando, incluindo o Campeonato Alagoano, as Copas Alagoas, do Nordeste e do Brasil, além de não poderem comparecer a nenhum evento nacional com seus uniformes.

Em relação à não aceitação da apelação civil, ao longo desses dez anos, prevaleceu o argumento jurídico de que excluir as organizadas seria uma medida excessiva e injusta, pois prejudicaria muitos em razão do comportamento de poucos. Ao julgar o caso em 2018, diante da falta de "provas robustas", o juiz Tutmés registrou no processo: "Defender a tese de que a extinção das torcidas organizadas pela violência nos estádios acabaria com a violência nos estádios seria, a meu ver, o mesmo que querer acabar com a doença matando o doente."

Operação red blue

O cenário que anteriormente parecia "favorável" para as duas torcidas, permitindo que fossem punidas, suspensas e, meses depois, retornassem aos estádios de futebol em Alagoas uniformizadas, passou por mudanças significativas nos últimos anos, especialmente em 2019, 2021, 2022 e 2023.

Essas alterações ocorreram após a Polícia Civil de Alagoas (PCAL) iniciar investigações sobre a possível envolvimento de líderes das organizadas em atividades criminosas, como agressões a torcedores rivais e a fabricação de artefatos explosivos.

“Sempre que acontecia um caso de violência”, revela Lucimério Campos, delegado da Polícia Judiciária da Região 1 (DPJ1) de Maceió, “eles eram investigados em delegacias específicas, de acordo com a competência territorial. Isso nos mostrou, com a recorrência dos casos, que sempre eram cometidos pelas mesmas torcidas”, contou em entrevista no bairro Jacarecica, em janeiro de 2024.

Em abril de 2019, antes da final do Campeonato Alagoano, Wanderson Felipe dos Santos de Oliveira, então com 21 anos, foi agredido por torcedores vestidos com uniformes da Mancha Azul. A violência ocorreu no bairro Tabuleiro dos Martins, na parte alta de Maceió, apenas porque ele estava usando a camisa do CRB.

Tentando deixar o passado para trás, Maria de Fátima, mãe de Wanderson, preferiu não comentar sobre o caso e sobre o estado de saúde atual de seu filho. Na época, Wanderson sofreu lesões neurológicas e chegou a não reagir aos estímulos.



Figura 15. Maria de Fátima, à esquerda, em entrevista, solicita ajuda para arcar com o tratamento de seu filho, que foi espancado por torcedores do CSA em abril de 2019. A imagem acima foi retirada da matéria publicada, também, no portal de notícias BR104. Fonte: Reprodução/Br104

Em maio de 2023, Pedro Lucio dos Santos, conhecido por “Peu”, torcedor do CSA, foi espancado com barras de ferro na cabeça, próximo ao Rei Pelé, no bairro do Trapiche, por supostos integrantes da Comando. O azulino morreu três dias depois no HGE. Em agosto, em possível retaliação à morte de Peu, Symei Araújo foi lesado na cabeça, no Farol, com um pedaço de madeira cravado com pregos.

O regatiano ficou com o rosto todo desfigurado. Dois indivíduos foram presos acusados de participar do crime contra Symei: Thiago Lyra Alves dos Santos, apelidado de “Bocão”, ex-integrante da Mancha Azul; e Douglas Cesar da Silva Santos, conhecido como BBZÃO, ex-presidente da principal torcida do CSA.

Na imagem abaixo, compartilhada pelo g1 AL em agosto de 2023, Douglas é visto ao lado de outras pessoas dentro de um carro. De acordo com a PCAL, ele esteve envolvido no espancamento do torcedor Symei Araújo, que não tem qualquer vínculo com torcida organizada.



Figura 16. Ex-presidente da Mancha Azul, Douglas César, conhecido como BBZÃO, foi preso pelo espancamento do torcedor do CRB Symei, em Maceió – Foto: Reprodução/Vídeo/g1 AL

“Começou a ver uma progressão de violência; às vezes partia de uma desavença, uma lesão corporal leve, um dano. Até que começou a ter tentativa de homicídio, e aí surgiu a situação das bombas caseiras”, relembra Lucimério.

Bombas caseiras

O caso das bombas caseiras ocorreu em novembro de 2022, durante um período de 10 dias. Duas pessoas perderam as mãos: um catador de materiais recicláveis e um funcionário do HGE. A primeira vítima estava procurando latinhas de refrigerante em um lixão quando a bomba explodiu.

A segunda estava realizando a limpeza do canteiro do HGE. “Com base em denúncias, realizamos uma busca e apreensão na residência de alguns suspeitos. E, para nossa não surpresa, confirmamos que aquelas bombas e as mutilações estavam, de fato, relacionadas com as torcidas. As bombas eram fabricadas pelas torcidas para serem usadas umas contra as outras”, revelou o delegado.

“Os suspeitos eram tanto acompanhantes/simpatizantes das torcidas, como alguns deles, não todos, tinham funções dentro das torcidas. Eles levam essas bombas em veículos para, na oportunidade, as lançarem. Só que muitas vezes o perímetro dos jogos [em torno do Rei Pelé] são muito bem policiados. Então, eles aguardam o perímetro de segurança ser desmanchado, e voltam. Há casos, em B.O's (Boletim de Ocorrência), que a própria polícia foi vítima desses ataques”, complementou Lucimério.



Figura 17. Simulacro de bomba caseira encontrada no Farol. Fonte: Reprodução/Ana Clara Pontes/g1AL

“Desde então, não houve mais casos de explosivos, mas sim casos de agressões mútuas”, relata. “Eles escolhiam um torcedor e o espancavam com pedras, paus, apenas porque a pessoa estava vestindo a camisa do time rival. Muitos desses torcedores nem pertenciam a organizadas. Identificamos que eram as torcidas, que se atacavam devido a uma agressão anterior.” A explicação do delegado reforça o ocorrido com Symei Araújo.

A repetição desses casos levou as autoridades esportivas e jurídicas do estado a formar um grupo de trabalho multidisciplinar para investigar se alguns membros das torcidas organizadas de CSA e CRB faziam, de fato, parte de uma organização criminosa, dado o histórico de crimes anteriores.

Em dezembro de 2023, após um ano de investigações realizadas pela PCAL e MPAL, 12 diretores da Mancha Azul e da Comando foram presos. A ação conjunta, chamada de operação Red Blue (em alusão às cores dos clubes e das torcidas), tinha como objetivo combater "Violência no Futebol, Racismo e Manipulação de Resultado" e cumpriu 15 mandados de prisão e 17 de busca e apreensão. Policiais militares e civis prenderam suspeitos em suas residências e invadiram as sedes das torcidas, localizadas no centro de Maceió (R. Silvério Jorge, sede da Mancha Azul) e no Jaraguá (Rua Alexandre Passos, sede da Comando Alvirrubro).



Figura 18. A Operação Red Blue, deflagrada em dezembro de 2023, foi amplamente divulgada por diversos veículos de televisão. Fonte: Reprodução/ TV Pajuçara.

“Quando percebemos que essas ocorrências estavam se multiplicando, entendemos que isso estava começando a se configurar como uma organização criminosa, um crime específico, regido por uma lei própria, que exige certos requisitos. Mas não poderíamos fazer isso de forma imediata, precisávamos ampliar a investigação e apresentar isso ao Judiciário e ao Ministério Público”, explicou Lucimério.

O inquérito policial da operação, que já foi concluído (mais detalhes abaixo), também solicitou o fechamento das sedes das torcidas e o banimento de suas redes sociais (Instagram) por meio da 17ª Vara Criminal da Capital. Além disso, foram apreendidos materiais personalizados encontrados nas sedes das organizadas, como bandeiras, camisas e bonés.

Mundo virtual

“Uma das características das torcidas organizadas é que elas promovem o engajamento de pessoas no mundo virtual. Eles engajam e ali eles mobilizam atividades ilícitas, e a gente percebe que essa era uma ferramenta que eles usavam para provocar esse terror. Eu justifiquei nesse sentido, dizendo que, a liberdade de expressão é irrestrita, mas não absoluta”, reiterou o delegado da PCAL.



Figura 19. Comparação do número de seguidores nos perfis da Mancha Azul e da Comando no Instagram, antes e depois da suspensão durante a operação Red Blue.
Fonte: Reprodução/@manchaazuldocsaoficial92 e @tocv1992oficial

“A gente já sabia que a gente não ia conseguir. A rede social hoje é um mundo de pouco controle. O que é que a gente pensou? Vamos derrubar as redes que são oficiais e justificar por esse motivo: lá eles também faziam apologia à violência, porque os símbolos que as torcidas escolhem são símbolos de pessoas com soqueiras, representando a morte, porretes, com o símbolo da morte. Personagens de violência como o Pablo Escobar, os Irmãos Metralha. Então, a própria simbologia que as redes sociais transmitem e os símbolos que eles escolhem permitem, já dão um tom do que eles querem com aquele viés de torcida, e a gente entendeu também que isso não é liberdade. Você pode até criar uma torcida, mas não pode está associada à violência, porque existe um recado subliminar por trás daquilo. Todo esse material foi recolhido”, disse o delegado.

Histórico de violência

Antes da deflagração da operação Red Blue, a Mancha Azul e a Comando Alvirrubro, enquanto associações jurídicas, haviam sido suspensas por 60 dias em 2022 devido a atos de violência cometidos em diversos jogos ao longo da temporada daquele ano, por torcedores ligados às agremiações.

Um dos casos mais repercutidos nesse período foi a agressão e o roubo a um advogado por supostos membros da torcida organizada do CRB, ocorrido em março. Os acusados foram autuados por crimes de organização criminosa e tentativa de latrocínio. “O advogado sobreviveu, e os torcedores foram indiciados. Esse caso também faz parte do inquérito”, afirmou Lucimério.

Em 2023, além dos episódios mencionados, ocorreram outros casos de violência cometidos por torcedores ligados às torcidas organizadas, como a agressão a um homem na frente de uma casa de shows no bairro Jaraguá.

“Aquele incidente no Orákulo, uma boate em Maceió, onde uma pessoa foi quase morta, foi resultado de uma briga entre torcedores”, explica. Também houve a agressão a um torcedor do ASA em janeiro, após jogos contra o CRB pelo Campeonato Estadual.

Neste caso, segundo a investigação, oito membros da Comando estiveram envolvidos na agressão. Um deles, inclusive, participou do espancamento que resultou na morte de 'Péu', torcedor do CSA e pai de um jovem que joga nas categorias de base do CRB.

Casos antigos



Figura 20. Em 31 de janeiro de 2023, integrantes da torcida organizada Comando agrediram um torcedor do ASA em Arapiraca, durante o jogo entre CRB e ASA realizado na data. Fonte: Reprodução/Globo Esporte/AL

"Esses casos que eu levei para a Red Blue, não são todos, tem mais. Eu tive que limitar porque, na verdade, há um monte de crimes cometidos pelas torcidas. Eu não poderia levar todos, senão o inquérito ficaria imenso. Então, eu só poderia cometer crimes graves. A gente levou uns 10 casos".

A operação deflagrada é fruto do esforço conjunto de um grupo de trabalho multidisciplinar, composto por representantes do MPAL, PCAL, FAF, PMAL, SSPAL e da Secretaria de Estado do Esporte, Lazer e Juventude (Selaj).

Cada uma dessas instituições tem o papel de prevenir e combater a violência no futebol no estado, além de implementar ações repressivas, preventivas e de reeducação direcionadas tanto aos infratores quanto às torcidas em geral.

Fora dos estádios

A violência entre torcidas organizadas no futebol ocorre principalmente fora dos estádios. Em Maceió, os principais locais de confronto são os bairros Benedito Bentes, Cidade Universitária, Clima Bom, Jacintinho e Trapiche da Barra, próximos ao Estádio Rei Pelé, conforme relatou à reportagem um representante da PMAL.

Em janeiro de 2023, dois episódios chamaram a atenção. No dia 22, o CRB enfrentou o Sergipe pela Copa do Nordeste, enquanto a torcida Mancha organizava a celebração de seus 30 anos. Antes da partida, uma confusão ocorreu na Avenida da Paz, no bairro Jaraguá. Um vídeo que circulou no Instagram mostrava torcedores regatianos lançando fogos de artifício contra os azulinos, que estavam dentro de um ônibus, e escaparam do ataque.

Na mesma ocasião, o taxista Francisco dos Santos foi agredido e teve seu carro depredado por estar usando uma camisa do CRB. A agressão ocorreu no bairro Mangabeiras, em Maceió. O caso teve grande repercussão. O motorista ganhou um carro novo de influenciadores digitais alagoanos como forma de apoio.



Figura 21. Taxista Francisco teve o carro depredado quando levava torcedore do CRB. Violência foi cometida por azulinos, em janeiro de 2024. Fonte: Reprodução/g1 AL.

Dados estatísticos

A pedido exclusivo da reportagem, a SSPAL realizou um levantamento estatístico sobre os índices de violência no futebol no estado. Devido à natureza da solicitação, o processo (**02100.0000000060/2024**) foi encaminhado à Seção de Estatística de Análise Criminal da DINPOL (Diretoria de Inteligência Policial) da PCAL, que realizou a consulta abrangendo o período de 2021 a 2023.

<u>ALAGOAS - Ocorrências em Estádios Esportivos</u>			
Tipo Local Fato	Ano Fato		
	2021	2022	2023
Estádio esportivo	53	94	91

Fonte: Sinesp PPE 01/02/2024

Figura 24. Print da pesquisa enviada pela SSP/AL ao estudante em fevereiro.

Devido à impossibilidade técnica de aplicar o filtro "torcida organizada" no Sistema Integrado de Autenticação e Autorização (Sinesp PPE), os dados coletados na pesquisa inédita — realizada pela primeira vez no estado — referem-se a casos de violência geral ocorridos nos estádios de futebol em todo o estado.

Conforme a tabela, observou-se um aumento no número de ocorrências nos últimos dois anos, 2022 e 2023, embora o quantitativo também tenha sido significativo em 2021. Ao todo, 41 municípios alagoanos foram registrados. Em Maceió, município de interesse, onde estão localizadas as sedes das torcidas Mancha e Comando e onde ocorre o clássico entre CSA e CRB, foram contabilizados 19, 30 e 38 casos nos respectivos anos.

Lucimério informou que, durante a operação Red Blue, deflagrada em dezembro de 2023, pelo menos 10 episódios graves de violência entre integrantes, principalmente das torcidas Mancha e Comando, foram apresentados ao MPAL como denúncias.

“Dois casos de lesão corporal gravíssima, onde as pessoas perderam membros; a fabricação de artefatos explosivos, três tentativas de homicídios e um homicídio mais recente; um caso de estupro na sede da Comando, bem antigo, que provocou, inclusive, um homicídio; levamos o caso do advogado (tentativa de latrocínio) e levamos alguns casos de danos ao patrimônio público”.

“Para caracterizar o crime de organização criminosa, é necessário que haja antecedentes criminais, que as pessoas se reúnam com o intuito de cometer um crime com pena superior a quatro anos. Então, eu só poderia incluir crimes graves”, acrescentou.

Na pesquisa solicitada à SSPAL, os dados revelam uma variação notável na natureza dos delitos. Em 2021, 2022 e 2023, no contexto de eventos esportivos nos estádios de Alagoas, foram registrados mais casos de furto (26, 63 e 40, respectivamente), lesão corporal (2, 5 e 6), roubo (2, 5 e 5), estelionato (5, 6 e 3), dano (2, 2 e 5) e vias de fato — atos agressivos sem sequelas (2, 5 e 5), respectivamente.

ALAGOAS - Ocorrências em Estádios Esportivos				
Tipo Local Fato	Município Fato	Ano Fato		
		2021	2022	2023
Estádio esportivo	Anadia		1	
	Arapiraca	6	10	2
	Atalaia		2	
	Cajueiro	1		
	Campestre			1
	Campo Alegre	1	1	3
	Canapi	1		
	Capela	4		
	Carneiros		1	
	Coité Do Nóia		1	
	Coruripe			1
	Craíbas	1	15	2
	Delmiro Gouveia	1		
	Girau Do Ponciano		1	3
	Igaci		3	
	Inhapi		1	
	Joaquim Gomes			2
	Maceió	19	30	38
	Major Isidoro			1
	Maravilha			2
	Marechal Deodoro		1	1
	Maribondo	1		
	Mata Grande		3	
	Murici		1	2
	Palmeira Dos Índios	2	13	8
	Pariconha			1
	Paulo Jacinto		1	
	Penedo		2	4
	Piaçabuçu			1
	Porto De Pedras		1	
	Porto Real Do Colégio		1	1
	Rio Largo			2
	Santa Luzia Do Norte		1	
	Santana Do Ipanema		1	
	São Brás			1
	São Miguel Dos Campos	2	1	1
	São Miguel Dos Milagres	1		
	São Sebastião	2		
	Satuba	2		2
	Tanque D'Arca			1
	Teotônio Vilela	8	1	6
	Traipu	1		
	União Dos Palmares		1	2
	Viçosa			3
Total		53	94	91

Fonte: Sinesp PPE

01/02/2024

Figura 25. Print com mais detalhes da pesquisa solicitada à SSP/AL em janeiro.

ALAGOAS - Ocorrências em Estádios Esportivos				
Tipo Local Fato	Grupo Natureza	Ano Fato		
		2021	2022	2023
Estádio esportivo	AMEAÇA	7	1	6
	CALÚNIA	1	1	1
	CONDUZIR VEÍCULO SOB EFEITO DE ÁLCOOL OU DE DROGAS	1		
	CRIMES RESULTANTES DE PRECONCEITO DE RAÇA OU DE COR - INJÚRIA RACIAL			1
	DANO	2	2	5
	DESACATO			4
	DESOBEDIÊNCIA			1
	DESOBEDIÊNCIA A DECISÃO JUDICIAL SOBRE PERDA OU SUSPENSÃO DE DIREITO			1
	DIFAMAÇÃO		2	3
	DROGAS - CONSUMO PESSOAL	1	2	1
	DROGAS - TRÁFICO			2
	ESTELIONATO	5	6	3
	EXERCÍCIO ARBITRÁRIO DAS PRÓPRIAS RAZÕES			1
	FALTA DE HABILITAÇÃO PARA DIRIGIR VEÍCULO AUTOMOTOR	1		
	FURTO	26	63	40
	HOMICÍDIO	1		1
	IMPORTUNAÇÃO SEXUAL			1
	INJÚRIA		2	3
	LESÃO CORPORAL	2	5	6
	LESÃO CORPORAL CULPOSA		1	
	MAUS TRATOS A ANIMAIS	1		
	PERSEGUIÇÃO (STALKING)	1		
	PORTE ILEGAL DE ARMA DE FOGO DE USO PERMITIDO			1
	POSSE IRREGULAR DE ARMA DE FOGO DE USO PERMITIDO			1
	PROMOVER TUMULTO, INCITAR A VIOLÊNCIA		1	
	RESISTÊNCIA			1
	ROUBO	2	5	5
	TENTATIVA DE HOMICÍDIO		1	
	VENDER INGRESSOS POR PREÇO SUPERIOR AO DO BILHETE		1	
	VIAS DE FATO	2	1	3
Total		53	94	91

Fonte: Sinesp PPE

01/02/2024

Figura 26. Relação mais detalhada natureza dos delitos cometidos. Fonte: MPAL

“Para você provar o crime de organização criminosa, tem que ter antecedentes criminais, que essas pessoas se reúnam para cometer a ação penal, que tem pena superior a quatro anos. Então, eu só poderia levar crimes graves”, acrescentou.

Na pesquisa da solicitada à SSP/AL, os dados mostram que a natureza dos delitos variaram notadamente. Em 2021, 2022 e 2023, no contexto de eventos esportivos, foram registrados mais crimes de furto (26, 63 e 40 casos), lesão corporal (2, 5 e 6 casos), roubo (2, 5 e 5 casos) estelionato (5, 6 e 3 casos), dano (2, 2, 5 casos) e vias de fato - atos agressivos praticados contra alguém, mas sem deixar sequelas (2, 5, 5) -, respectivamente.

Retorno aos estádios

No dia 30 de julho deste ano, a Mancha Azul e a Comando Alvirrubro receberam uma decisão favorável do MPAL. Juízes da 17ª Vara Criminal autorizaram o retorno das torcidas aos estádios, a reabertura das suas sedes e a recuperação dos perfis oficiais no Instagram, além da devolução de todo o material (faixas, bandeiras e instrumentos) apreendido nas sedes das organizadas durante a Operação Red Blue.

O Ministério Público também optou por arquivar as acusações contra 13 pessoas, que eram acusadas de crimes como associação para o tráfico de drogas, organização criminosa e uso indevido de símbolos oficiais (logomarcas) de CSA e CRB. De acordo com os juízes, conforme noticiado pelo portal Gazetaweb (2024), faltaram provas suficientes para sustentar a denúncia.

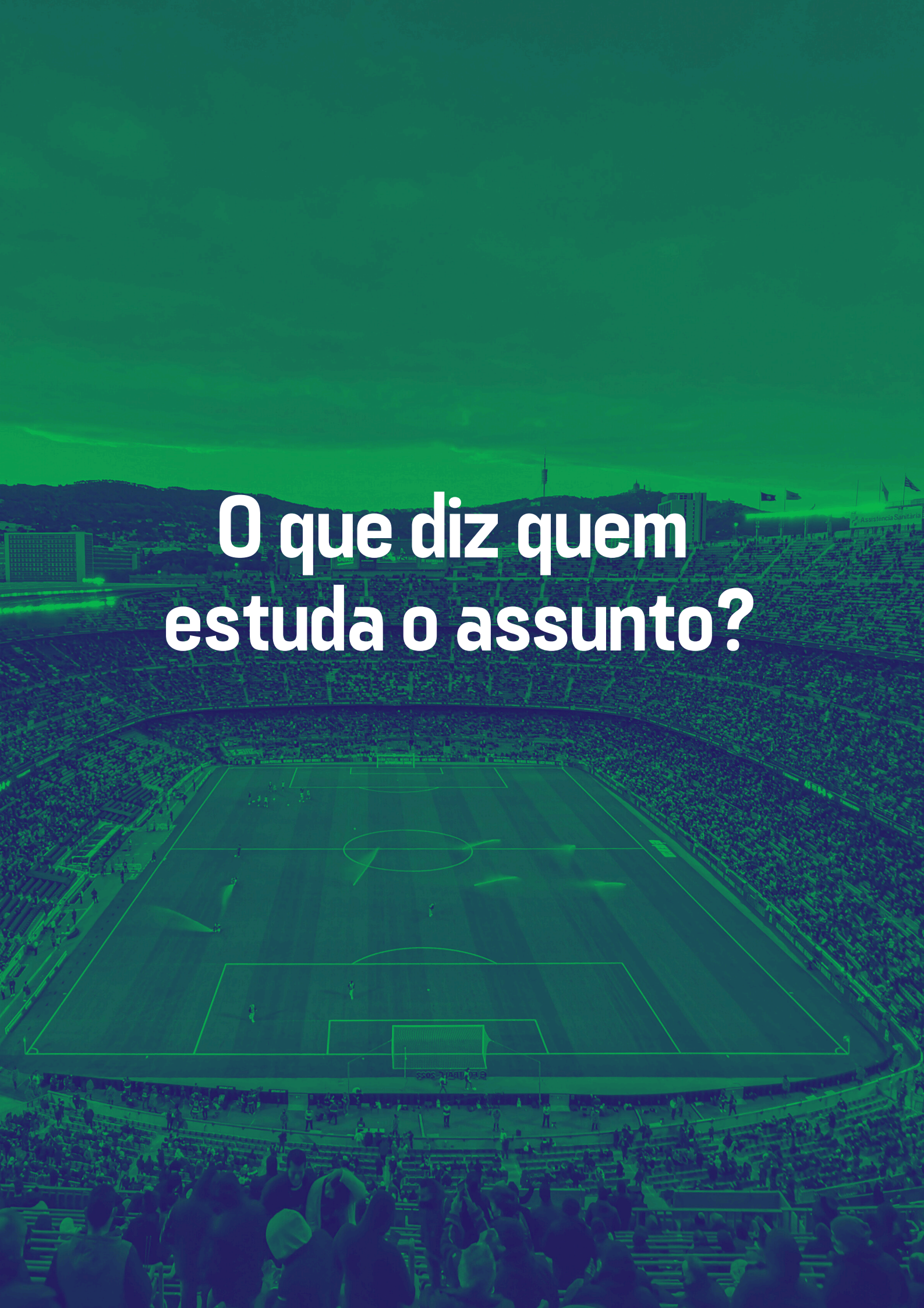
Por outro lado, o colegiado deixou claro que a decisão não impediria a “continuidade dos demais procedimentos/processos relativos à Operação Red Blue, que estejam em investigação, uma vez que envolvem diligências sobre a prática de outros crimes não descritos na denúncia atual”.

A reportagem teve acesso à sentença proferida pelos juízes da 17ª Vara Criminal da Capital. No documento, as autoridades consideraram a denúncia improcedente e determinaram a devolução dos bens apreendidos nas sedes das torcidas, incluindo bandeiras, faixas, instrumentos musicais, roupas personalizadas, camisas e casacos, com exceção dos itens relacionados às bombas caseiras.

Proceda a autoridade policial com a devolução do bens descritos, devendo os réus responsáveis comparecerem à Sede da Diretoria de Repressão à Corrupção e ao Crime Organizado - DRACCO, hoje Escola Superior de Polícia Civil, para fins de restituição, no prazo de 30 (trinta) dias.

Ficam REVOGADAS as demais medidas anteriormente decretadas, especialmente quanto ao fechamento temporário das sedes; suspensão temporária das contas @tocvoficial e @manchazuldocsaoficial (decisão de fls. 1271/1302); suspensão do funcionamento das torcidas organizadas (decisão de fls. 2072/2074).

Figura 27. Juízes concluíram que não havia provas suficientes na denúncia do MPAL contra as referidas organizadas. Fonte: Print/MPAL

An aerial view of a large football stadium, likely the Camp Nou in Barcelona, filled with spectators. The pitch is visible in the center, and the stands are packed with fans. The entire image has a green tint overlay. The text "O que diz quem estuda o assunto?" is superimposed in the upper half of the image.

O que diz quem
estuda o assunto?

Capítulo 3

Optamos nesta reportagem em apresentar algumas discussões sobre o tema no Brasil. Uma das referências é o sociólogo, professor e pesquisador Maurício Murad. Além dele, consultamos trabalhos científicos da antropóloga, professora e pesquisadora Rosana da Câmara Teixeira. E, em seguida, o que se encontra a partir de pesquisas produzidas na Universidade Federal de Alagoas (Ufal).

Violência desde o futebol: ponderações

Com base em anos de pesquisa, que combinam estatísticas, análises e interpretações, Murad destaca em seu livro *A Violência no Futebol: Novas Pesquisas, Novas Ideias e Novas Propostas*, publicado em 2017, que esse fenômeno reflete outras mazelas profundas da sociedade brasileira. Ele aponta que há lacunas de ordem social, política, cultural e econômica, que também impactam o microcosmo social do futebol.

Para o autor, o primeiro passo para entender de forma ampla a violência no setorial no futebol é contextualizar e entender a ideia de violência como fenômeno histórico e humano, que se perpetuou nas sociedades e é intrínseca ao cotidiano das pessoas.

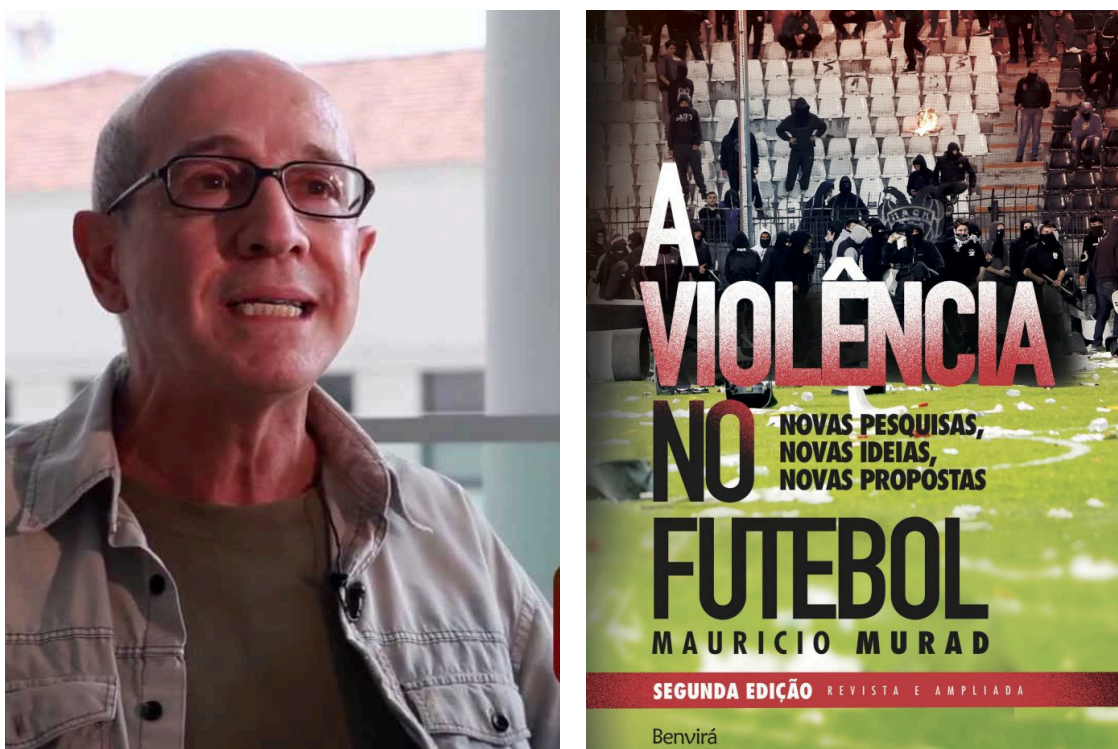


Figura 28. Maurício Murad, autor do livro. Fonte: Reprodução/YoutubetauCultura/

“Dos problemas sociais brasileiros – por exemplo, o subemprego, a educação e a moradia precárias, a desagregação da família e dos valores de cidadania, entre outros –, aqueles que mais aparecem no futebol e auxiliam no entendimento das práticas de violência desse esporte são, em primeiro lugar, a impunidade, seguida da corrupção [...], e o pior é que as áreas sociais são as mais afetadas pela corrupção – merenda escolar, saneamento, cestas de alimentação, habitação popular, segurança, saúde e educação públicas” (Murad, 2017, p. 66-69).

O trecho, que começa na página 66 do livro, permite olhar "além das quatro linhas" e compreender o que é noticiado sobre as torcidas organizadas, no contexto de eventos esportivos frequentemente marcados por delitos cometidos por pequenos grupos de “torcedores” infiltrados nas organizadas.

“É um problema de vandalismo, de gangues infiltradas aguerridas e treinadas para o combate bélico, para a hospitalidade, para a ocupação territorial de bairros e municípios, em última análise, um problemão de segurança pública” (Murad, 2017, p.23).

As macroviolências, segundo o autor, se manifestam nos microcosmos do futebol durante os jogos masculinos. Na prática, essa violência se traduz no desrespeito às leis, às regras, aos adversários e ao público.

Os confrontos consensuais ou agressões unilaterais, na maioria das vezes, são mediados pelo uso da força física. A afirmação do professor reflete a realidade tanto dentro quanto fora dos campos de futebol no país, como ocorre em Maceió, durante os jogos entre CSA e CRB, especialmente com a presença das torcidas organizadas Mancha Azul e Comando Alvirrubro.

Toda a confusão é provocada e perpetuada por membros de grupos organizados com "baixo nível de escolaridade e econômico, pouco senso de cidadania e desconfiança na gestão de associações e federações esportivas" (Murad, 2017), o que leva à sensação de impunidade, alimentando ainda mais a violência.

Os torcedores envolvidos nesses conflitos no Brasil representam de "5% a 7% das torcidas organizadas" e têm idades entre "15 e 24 anos, podendo chegar até 29 anos" (Murad, 2017, p.58). Geralmente, esses indivíduos são bastante ativos nas redes sociais, possuem um tempo relativo disponível e têm habilidades para manipular sites e aplicativos.

No entanto, Murad rejeita a ideia simplista de que as torcidas organizadas seriam um peso para a cultura do futebol. De acordo com o autor, os confrontos entre torcedores são provocados por uma minoria que valoriza o

“culto ao exibicionismo, ao machismo, à covardia, à eliminação do adversário, que é confundido como inimigo” (2017, p.65).

Segundo Murad (2017, p. 52), "as pesquisas científicas demonstram que a maioria dos integrantes das torcidas organizadas é pacífica, sendo essas torcidas forças históricas, democráticas e populares, que colaboram para que a arte do futebol continue sendo um patrimônio da coletividade brasileira".

Associação de torcidas organizadas

A Associação Nacional das Torcidas Organizadas (Anatorg) é a principal entidade representativa dos grupos hierarquizados no Brasil. Fundada em 2014, a associação tem como objetivo defender os direitos dos torcedores, promovendo ações, projetos e participando ativamente na formulação de políticas públicas em parceria com o Ministério do Esporte.

De acordo com Murad (2017), das aproximadamente 700 torcidas organizadas existentes no país, hoje mais de 107 estão filiadas à Anatorg. A reportagem apurou que atualmente mais de 100 pessoas estão diretamente vinculadas à associação. Contudo, a filiação não elimina um desafio persistente: a dificuldade da entidade em obter aprovação e engajamento de diversos grupos organizados de torcedores espalhados pelas cinco regiões do Brasil. Como destaca Rosana Teixeira (2018, p. 14), uma das principais pesquisadoras do tema no país:

“O surgimento de uma associação nacional de torcedores, em um meio marcado por hostilidades recíprocas, deve ser compreendido no contexto mais amplo de uma crise que atingiu as torcidas organizadas. Essa crise resultou de três fatores articulados: o processo de modernização dos estádios para a realização dos megaeventos no país, a legislação repressora e a criminalização das torcidas organizadas pelos meios de comunicação” (Rosana, 2018).

A Anatorg reconhece que a violência no futebol masculino, embora inegável, reflete comportamentos sociais presentes no cotidiano da sociedade brasileira, manifestando-se em diversos contextos, como no trânsito, na vida doméstica, nas relações familiares e nas escolas, ou seja, em esferas que transcendem o futebol. Apesar de sua luta há mais de uma década pelos direitos dos torcedores organizados, a entidade enfrenta um dilema decorrente dos frequentes episódios de violência envolvendo torcidas, sejam organizadas ou não, como destacado por Rosana Teixeira (2021, p. 4):

“Anatorg vem se dedicando, na arena pública, a modificar as representações sociais predominantes e a provar a autenticidade de seus objetivos. Nessa direção, tem estimulado as lideranças de torcidas organizadas a conquistarem o apoio dos seus membros procurando conscientizá-los de que o futuro dos agrupamentos está em jogo. A despeito desses esforços, confrontos e mortes têm ocorrido com certa regularidade, o que reforça argumentos, especialmente nos meios de comunicação, favoráveis à exclusão desses atores sociais dos estádios e ao recrudescimento da repressão como única via para o controle dos episódios de violência por parte das autoridades” (Rosana, 2021).

Em contraste, a Anatorg tem utilizado seus principais canais de comunicação, como o site oficial, o canal no YouTube e o Instagram (@anatorgbrasil), para fortalecer o apoio político e estreitar relações com federações esportivas em defesa da existência das torcidas organizadas.

No site da entidade, por exemplo, é possível encontrar uma variedade de conteúdos, tanto textuais quanto audiovisuais, que evidenciam o compromisso da associação com os diferentes grupos organizados do país, especialmente no esclarecimento sobre o complexo tema da violência no futebol.

De acordo com o site, o conselho consultivo da Anatorg conta com o apoio de diversos professores e especialistas brasileiros que já publicaram e continuam a produzir estudos sobre os temas abordados neste livro-reportagem. Na página principal, é possível encontrar colunas assinadas por estudiosos, abordando assuntos relacionados ao “futebol” e às “torcidas organizadas”, além de reflexões sobre a participação em torcidas uniformizadas e a defesa do direito de associação entre grupos de jovens.

A frase destacada na biografia do Instagram da Anatorg, “FALE CONOSCO, NÃO SOBRE NÓS”, simboliza o compromisso da associação em fortalecer sua parceria com as diversas torcidas uniformizadas filiadas, espalhadas por todo o país.

No perfil da entidade, que atualmente conta com mais de 22 mil seguidores, são compartilhadas publicações que registram reuniões com lideranças esportivas, além de homenagens a aniversários de torcidas, como a Mancha e o Comando.

O site também apresenta a identidade visual de todas as torcidas afiliadas, abrangendo tanto as mais conhecidas quanto as de menor expressão. Até o fechamento desta reportagem, a associação presta apoio a 123 uniformizadas.



Figura 28. Print de publicações recentes do Instagram da Anatorg, celebrando os aniversários da Mancha e do Comando. Fonte: Reprodução/@anatorgbrasil/2024







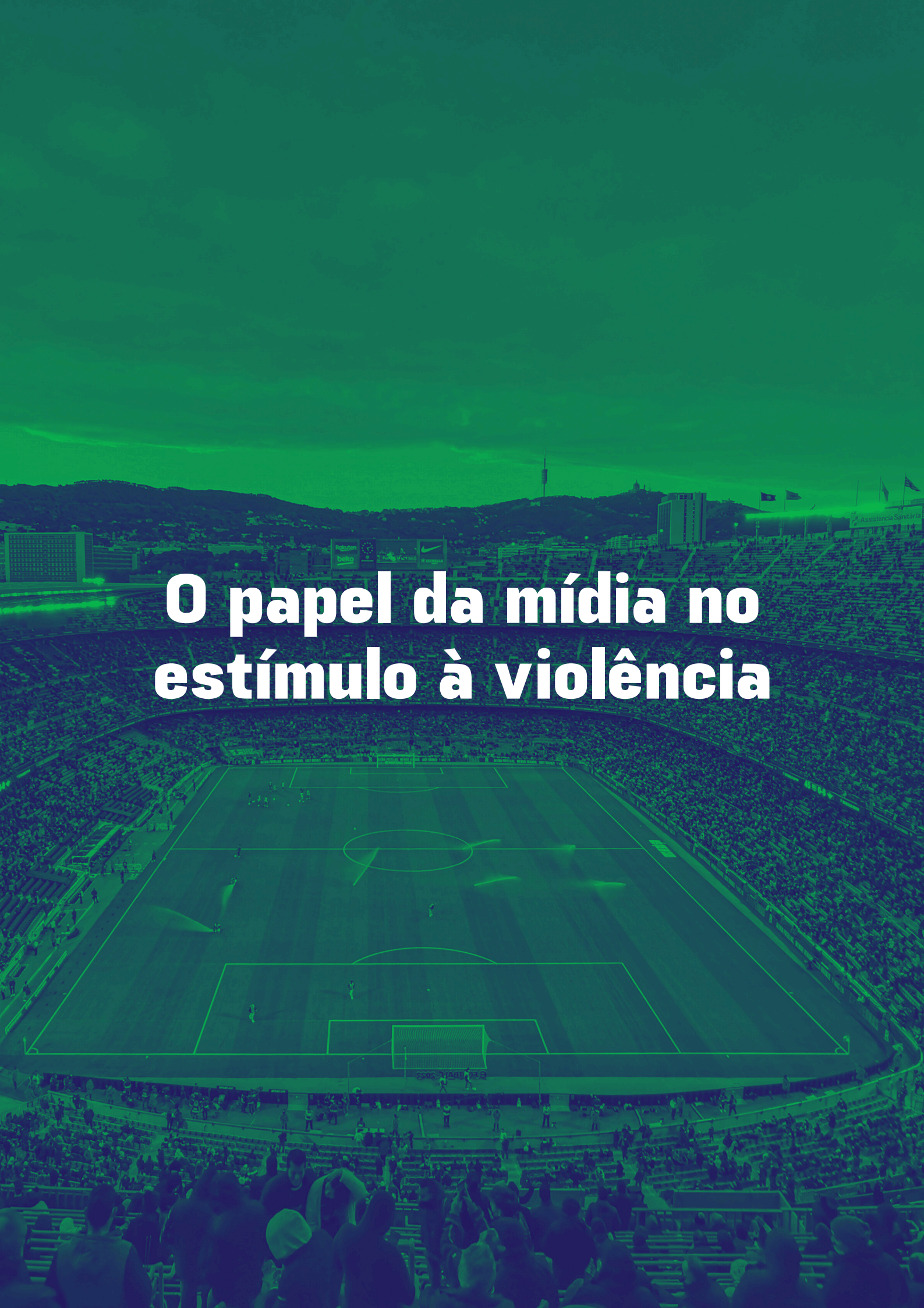
A Comando Alvirrubro e a Mancha Azul são torcidas organizadas fundadas no Brasil no início dos anos 1990. Até a conclusão deste livro-reportagem, a Comando Alvirrubro, principal torcida regatiana do CRB, conta com mais de mil membros cadastrados, sendo 70% jovens. A Mancha Azul, por sua vez, possui o dobro desse número, também com uma expressiva participação de jovens filiados à associação.

Historicamente, ambas representam um modelo de torcida organizada distinto das charangas que surgiram no Brasil na década de 1940. Como explica Valeskas (2022), as charangas eram geralmente "apadrinhadas por dirigentes do clube e não apresentavam contestação ou protestos, mesmo quando o clube enfrentava uma má fase" (p. 12).

Atualmente, em contraste, as torcidas têm um perfil mais combativo, frequentemente cobrando resultados da equipe. Em alguns casos, como ocorre com frequência com clubes de São Paulo, essas cobranças incluem ameaças a dirigentes e atletas, além de invasões a Centros de Treinamento durante treinos, exigindo vitórias, bom desempenho ("raça") em campo e conquista de títulos.

No Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "Comportamento violento: evidências da relação entre futebol e violência na cidade de Maceió-AL", Paula Thayse Araújo da Silva (2021) apresenta dados que evidenciam o aumento da violência no espaço urbano durante jogos realizados por CSA e CRB em Maceió.

"No estado de Alagoas temos duas grandes torcidas dos dois maiores times do estado, CSA e CRB. Ambos os times são rivais históricos, cujas disputas frequentemente trazem manifestações de violência física e verbal. Esses dois times estão marcados pelo longo histórico de conflitos entre torcidas organizadas, violência, depredação do patrimônio público e homicídios" (Silva, 2021, p.18)



O papel da mídia no estímulo à violência

O papel da mídia no estímulo à violência

O apontamento mencionado sobre o cenário negativo de brigas e confrontos entre torcedores em Alagoas não pode ser negado, mas omite um fator importante: a influência da mídia na perpetuação de manifestações de violência simbólica, que acabam reforçando a prática de violência física e até a forma como as pessoas se referem às torcidas organizadas, com um viés negativo e restrito, como aponta Alexandrino (2016).

Ao tratar este como “o clube do Mutange” ou “do mangue”, e aquele como o “galo da praia”, “da Pajuçara”, a mídia reforça dois estereótipos: o de que todos os torcedores azulinos são periféricos – a imagem dos catadores de sururu da lagoa Mundaú – e o de que todos os regatianos são da elite e moradores dos bairros litorâneos – o aristocrata branco que assiste ao jogo da tribuna de honra. Ocorre, portanto, a construção de um caráter de “guerra de classes”, ao se generalizar, erroneamente, duas torcidas que dividem em cores um estado de mais de 3 milhões de habitantes, das mais variadas esferas econômicas e sociais. Há patrões e proletários, trabalhadores informais e aristocratas, nas torcidas dos dois times, logo, a ideia de “povo versus elite”, na disputa entre CRB e CSA, é uma mitificação proposta pela mídia (Alexandrino, et al., 2016, p.5).

No seu TCC "O papel da mídia na produção da violência entre torcidas de futebol em Maceió", Hugo Leonardo Omena de Melo (2023) afirma que, embora o histórico de violência seja real, ele é significativamente potencializado pelos conteúdos veiculados pela imprensa.

“A maneira como a mídia interpreta e modifica os códigos próprios do universo futebolístico influencia diretamente a concepção e a imaginação do público. Essa relação, muitas vezes imperceptível para a maioria das pessoas, é fundamental” (HUGO, 2021, p. 39).

A imagem negativa das torcidas organizadas, associada à violência simbólica, é reforçada durante as partidas, quando, por exemplo, "a torcida regatiana, entre as músicas, chama a torcida azulina de 'mundiça', um termo que se refere basicamente ao grande número de pessoas que pertencem às camadas menos favorecidas da população" (HUGO, 2021, p. 42).

Em entrevistas com torcedores organizados da Mancha Azul e da Comando Alvirrubro sobre sua participação em atos de violência e como se sentiram durante esses momentos, Valeska e Hugo (2017) destacam algumas considerações relevantes.

Uma delas é a resposta de um torcedor que, muitas vezes, no calor da emoção, acaba se envolvendo em conflitos com torcidas rivais, mesmo sem querer, como uma forma de proteger seus companheiros de grupo, usando isso como uma estratégia de pertencimento social.

“O envolvimento destes torcedores organizados em confrontos está relacionado à busca por adrenalina e excitação, em que a recusa em participar poderá representar a sua exclusão daquele grupo ou uma depreciação da sua imagem perante o grupamento de torcidas organizadas” (2027, p.19-23)

De acordo com Melo (2022), há aproximadamente "306 clubes, entre profissionais e amadores, nos 102 municípios, considerando as três primeiras divisões do Campeonato Alagoano". Isso indica que, além da Mancha e da Comando, existem vários grupos de torcedores uniformizados em estados de menor expressão, como a Mancha Negra, ligada à Agremiação Sportiva Arapiraquense (ASA), o time mais representativo de Arapiraca, o segundo maior município de Alagoas, que segundo dado de 2024 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) conta com mais de 240 mil habitantes. Em contraste, por curiosidade, Maceió possui quase um milhão.



Questões sobre atuação de mulheres nas torcidas

As relações de gênero dentro das torcidas organizadas no Brasil também constituem um aspecto relevante a ser explorado neste livro-reportagem.

Embora ainda marcadas pela predominância masculina nas arquibancadas, as torcidas organizadas hoje contam com um número considerável de mulheres exercendo diferentes funções. O crescimento da visibilidade do futebol feminino no Brasil contribuiu para esse avanço, embora de forma ainda tímida.

O sociólogo e mestre em Sociologia João Victor Mendes se dedicou ao estudo desse tema em sua dissertação de mestrado, intitulada “Juventude, gênero e torcida: uma análise das relações entre homens e mulheres jovens na Torcida Organizada Mancha Azul-CSA”.

João Victor explica que, devido à invisibilidade feminina no futebol durante o período ditatorial no Brasil (1964-1985), a inserção das mulheres nas torcidas organizadas demorou para se concretizar. No entanto, atualmente, esse processo vem ganhando visibilidade.

“[...] essa presença vêm se intensificando e essas mulheres buscam cada vez mais espaço nesse ambiente extremamente masculinizado. É comum nos dias atuais observar mulheres atuantes na torcida, sejam como componentes, tocando instrumentos ou ocupando cargos em diretorias” (Mendes, 2022, p. 37)

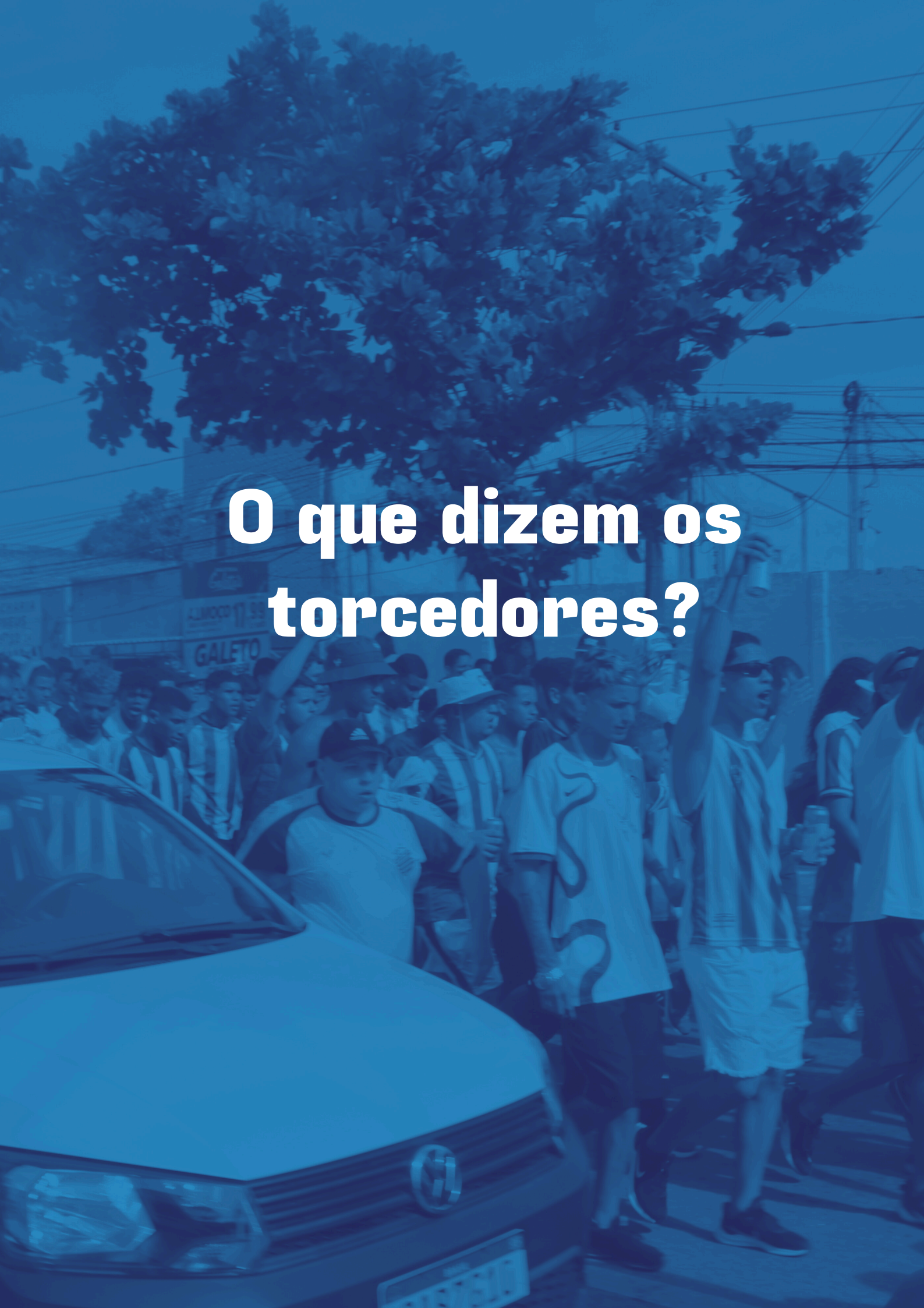
Apesar desse avanço, o predomínio masculino nas funções de liderança dentro das torcidas organizadas ainda persiste. Como exemplo, o autor destaca a dinâmica interna da Mancha Azul e de movimentos de torcedores menores, que foram seu objeto de pesquisa, especialmente no que se refere à produção de símbolos visuais. De forma geral, os personagens masculinos são retratados com uma imagem de força viril, mistério e coragem frente aos adversários, enquanto as personagens femininas são representadas com uma extrema delicadeza e beleza.



Figura 29. Logomarca principal da Mancha (à esquerda) e do Núcleo Feminino, atualmente utilizadas nas redes sociais de ambas.. Fonte:Reprodução/nucleofemininomaoficial

“As mulheres dentro das torcidas ainda buscam legitimidade e seu espaço [...] Os símbolos que estão dispostos em sua maioria remetem à masculinidade, são poucos os materiais, que exaltam os Núcleos Femininos das agremiações, em comparação a outros materiais” (Mendes, 2022, p. 37).

A busca das mulheres por legitimidade dentro das torcidas organizadas ainda continua. Atualmente, tanto na Mancha Azul quanto na Comando Alvirrubro, existem grupos de mulheres com maior liberdade para exercer funções de liderança, como na realização de ações sociais e de comunicação. No entanto, muitas ainda enfrentam preconceitos de gênero, como revelou a integrante do Núcleo Feminino da Mancha, Carol Oliveira, em entrevista concedida no dia 28 de janeiro, no bairro do Prado, em Maceió, antes do jogo CSA x CRB.



**O que dizem os
torcedores?**

Capítulo 4

Parte da construção sociocultural de ser torcedor ou torcedora de clube de futebol passa pela aglomeração de pessoas no estádio durante as partidas. Ao se identificar como parte de um grupo, há outros de clubes adversários em determinada competição. A rivalidade faz parte do jogo.

Sobre isso, Philipe Marques, presidente da Comando Alvirriubro, torcida organizada do CRB, comenta que: “assim, tem a rivalidade dentro de campo e tem também uma rivalidade fora de campo”.

No caso de Maceió, o vermelho regatiano se contrapõe ao azul do CSA: “Então, certamente não pode deixar entrar [na sede da Comando] a cor azul porque você tem toda uma ideologia por trás, a questão de ‘ideologia de torcida’, é um assunto extenso. Nosso lema principal é CRB até a morte. Não mudar de time conforme a fase do clube, então é nascer e morrer CRB”, complementa.

Uma das líderes do núcleo de mulheres da Mancha Azul, Carol Oliveira relaciona isso como um dos fatores ligados à violência a partir do futebol:

“Então, a torcida organizada veio de um meio muito marginalizado. O torcedor organizado é de uma parte periférica. Então, a violência ela vem de lá. Então, é algo que não está organizado. Vai além. É a questão de você ter a rivalidade e algumas pessoas vão além. Aí tem casos violentos e a gente não apoia. Até porque, realmente, prejudica”, afirmou.

Efeitos da operação Red Blue

“O cara [sic] que usa a torcida como escudo para cometer crime e fazer baderna na rua, sabe que a consequência não vai vir para ele, né? Então, o grande mal hoje que eu vejo é [que não há punição] do CPF, da pessoa, e acredito que não seja um ‘bicho de sete cabeças’ para fazer isso não” .

No período da entrevista com Philipe, a Comando e a Mancha, já estavam suspensas devido à operação Red Blue, que culminou na prisão de 12 diretores.

Com as investigações ainda em curso, apenas as torcidas Resistência Azul, Povão Azulino, Movimento Feminino, Empodera membros das torcidas Azul, CSAAmigos e Sangue Azul, do CSA; e Galo de Campina, Movimento Popular Bravo Regatianos, Galo Choop e Garra, do CRB, estavam autorizadas, com certas restrições, a frequentar os estádios uniformizadas, enquanto grupos organizados.

Elas precisaram seguir regras para ter acesso ao estádio, como manter atualizado o cadastro do membros das torcidas junto ao Comando de Policiamento da Região Metropolitana de Maceió, enviar com 72h de antecedência uma lista discriminada dos materiais que cada grupo irá levar ao estádio em dias de jogos, e manter aberta apenas a sede do time mandante da partida em Maceió em dias de clássico entre CRB e CSA. Com apoio da PMAL, a reportagem teve acesso ao TAC firmado.

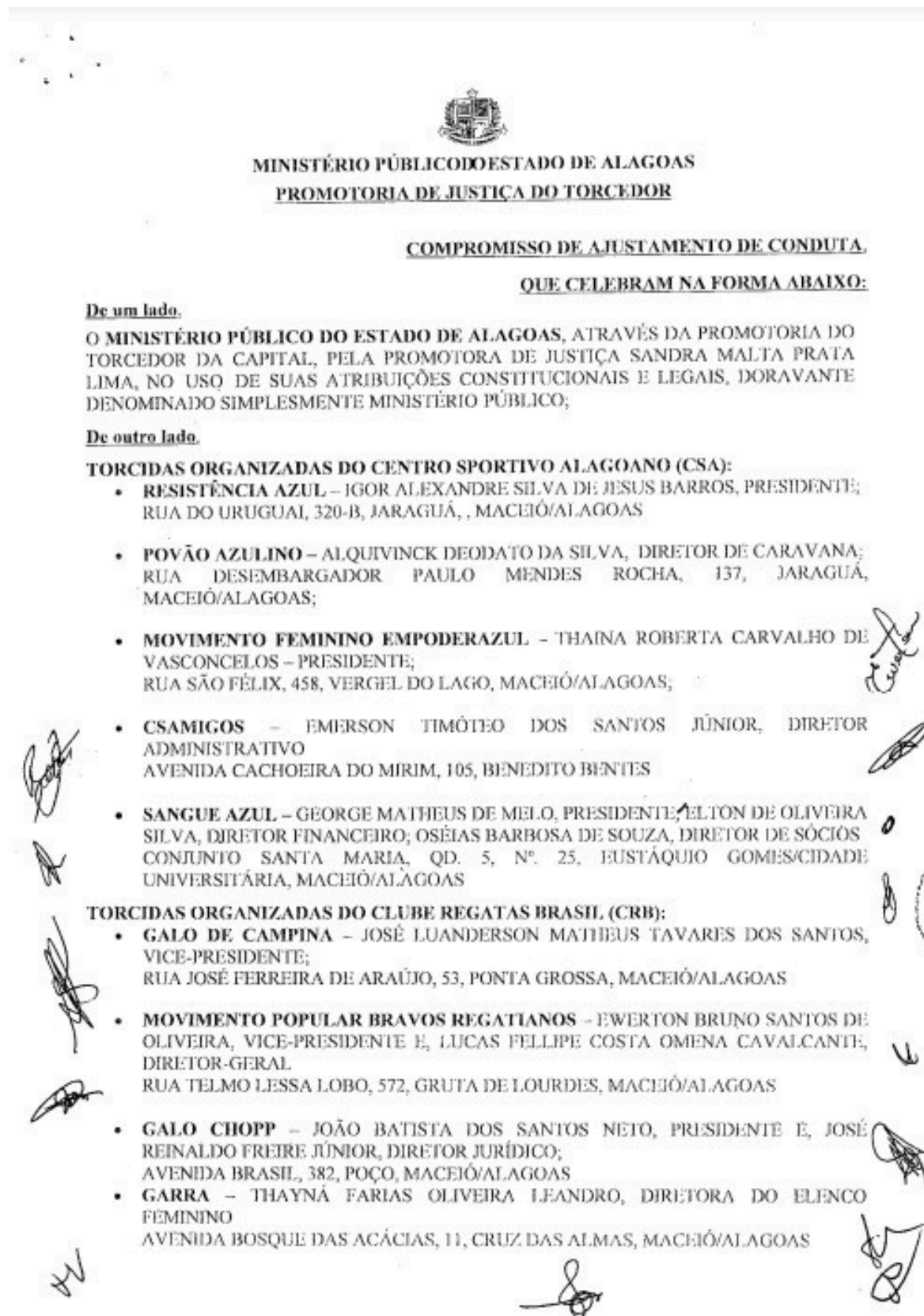


Figura 30. Print do TAC assinado por grupos de torcedores de CSA e CRB no período em que a Mancha e a Comando estavam sob restrição judicial. Fonte:MPAL

“O mandato que chegou tanto na [sede] da gente como na [torcida] do CSA, foi para apreender alguma coisa de ilícito que servisse como prova. Mas na verdade eles pegaram tudo [que encontraram], e no mandato não tinha nada expressando que era para pegar nossas coisas [faixa, bandeira, bateria], e quando a gente foi questionar isso, falaram: ‘A gente já pegou e vocês só vão poder recuperar agora na justiça’”, revelou Philipe, ainda sobre a operação red blue.

O único item que ficou na posse da polícia foram bens ligados às bombas-caseiras, em que ficou comprovado a participação de integrantes de dentro das torcidas. Fora isso, também foram apreendidos nas sedes da Mancha Azul e do Comando Alvirrubro instrumentos musicais, corpos personalizados, camisas e casacos. O prejuízo aos torcedores foi de quase 100 mil reais, o que também influenciou para a redução abrupta no número de sócios e seguidores no Instagram. “Nossa fonte de renda para manter a sede vem justamente da venda de materiais”, afirmou Philipe.

O regatiano voltou a questionar a punição ao coletivo:

“Agora, é muito mais fácil punir o CNPJ né? Por exemplo, na nossa loja, a gente vende pra [sic] qualquer pessoa né? Qualquer um que seja regatiana, pode chegar lá comprar nossa camisa. Só que muitas vezes acontece que tem gente com más intenções, fica com malqueragem”, pontuou.

Reclamação semelhante de Carol Oliveira, vinculada à Mancha Azul: “Então assim, hoje com essa punição – Red Blue – a gente tá [sic] sem vender material. Então, a torcida perde credibilidade e nem tem um caixa. Ou seja, a torcida acaba deixando de existir justamente com essas atitudes, entendeu? Então, não é bom pra gente, e obviamente o torcedor não quer ver a sua torcida assim. Não vai pra frente”.

Sobre o critério de não poder a marca de CRB e CSA, a versão do presidente do Comando é outra: “Sempre houve essa autorização de forma tácita, né? Não de forma escrita, porque o clube, né, conhece a Comando; sempre teve esse reconhecimento tanto é que no nosso aniversário de 30 anos, a página oficial do clube parabenizou a gente, então, não tem como dizer que não tem esse apoio”.

Hoje a Comando possui mais de três mil torcedores, entre simpatizantes e membros, que frequentam a sede. Destes, menos de mil são sócios regulares. Há vários pavilhões e aliados da torcida organizada espalhados em vários municípios de Alagoas. São eles: Rio Largo, Murici, Marechal, Pilar, Satuba, Atalaia, Palmeira dos Índios, Penedo, Barra de Santo Antônio e São Miguel, além de filiados em outros estados, como São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Paraná e Fortaleza.

“Torcer sem violência”

A Mancha e a Comando precisam manter o cadastro atualizado de todos os membros. Essa foi uma das regras impostas no TAC realizado em 24 de janeiro de 2024, para ajudar no combate à violência no futebol em jogos realizados em Maceió. Estiveram presentes na reunião representantes de CSA, CRB, PM, PCAL, FAF e Selaj.

Com a decisão favorável da justiça às torcidas no caso da operação Red Blue, as associações não tiveram outro caminho senão se posicionar publicamente nas redes sociais repudiando o envolvimento de pessoas de internas envolvidas em brigas generalizadas ou crimes. Hoje o comportamento de ambas nas redes sociais, a princípio, está condizente à determinação judicial. Segundo o líder da Comando:

“dependendo do caso, a gente faz a suspensão ou até a própria exclusão da pessoa, tanto do quadro sócio como de frequentar a nossa sede. Houve vários casos já, e quando identificamos, a gente toma as medidas necessárias”.

A declaração do presidente pode ser corroborada por algumas postagens das torcidas. Nos dias 9 e 11 de janeiro, 21 de abril, 15 de julho e 1º e 28 de agosto deste ano, por exemplo, a Mancha Azul utilizou o Instagram (@manchaazuldocsaoficial92) - seu principal meio de comunicação, atualmente com 33,4 mil seguidores - para manifestar repúdio ao comportamento de membros da torcida no espaço urbano de Maceió.

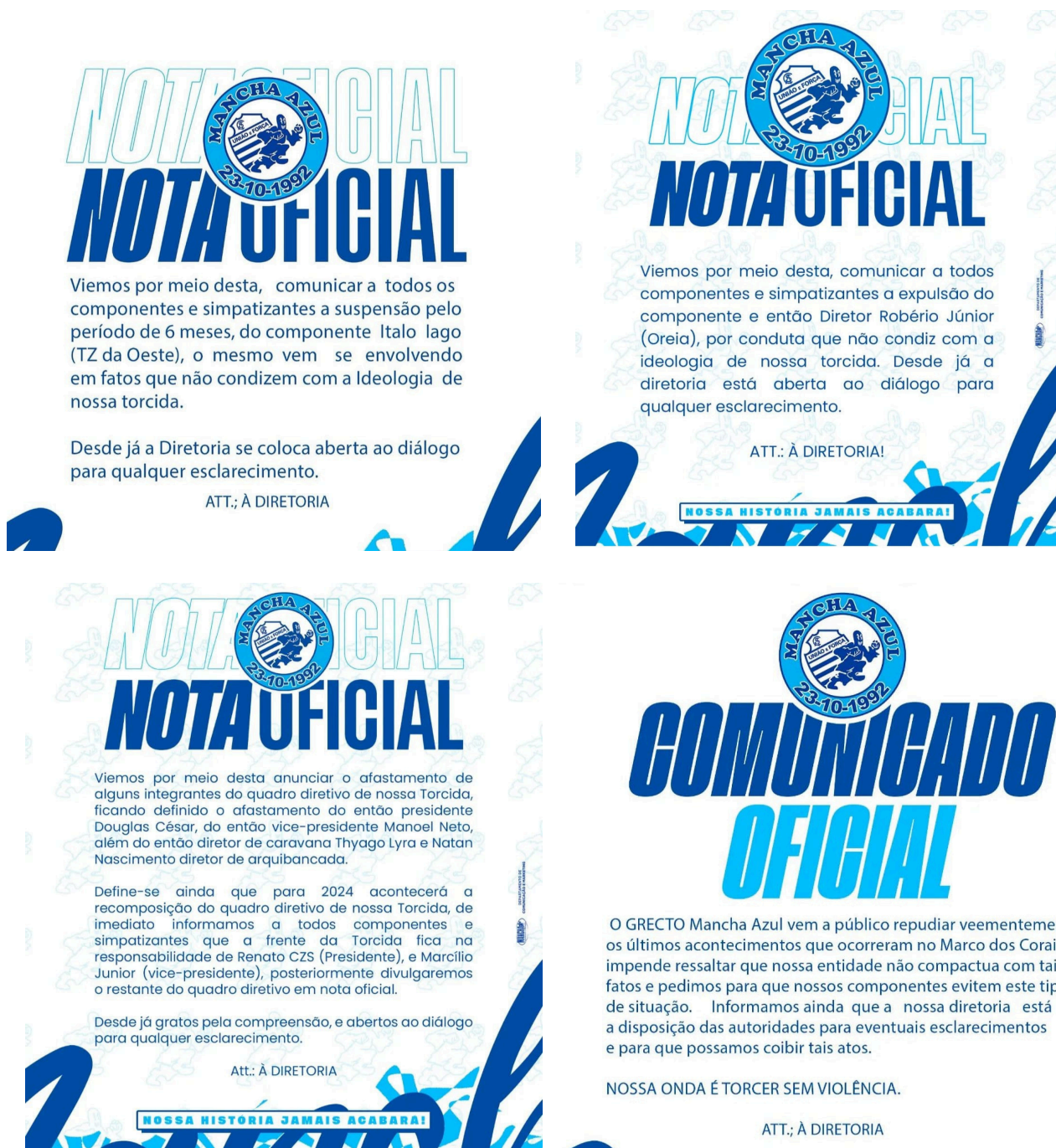


Figura 31. Prints retirados do Instagram. Notas da Mancha contrárias a episódios de violência, informando afastamento de membros e repudiando confusão entre torcedores na Ponta Verde, em Maceió: Reprodução/@manchazuldocsaoficial92

As postagens indicam a suspensão por seis meses de componente da torcida, expulsão de diretor do quadro diretivo e exclusão de antigo presidente da Mancha, nesse caso, devido à participação no violento ataque contra torcedores do CRB em agosto de 2023. No dia 21 de abril, a Mancha se posicionou contra à operação Red Blue pelo Instagram.

A diretoria alega que recebeu o contato de um jornalista representante do Fantástico e esclareceu todas as dúvidas, destacando que “em nenhum momento”, durante a operação deflagrada pela PCAL, “foi procurada para esclarecer informações”.

Também reitera na publicação repassada ao Fantástico que “nada de ilícito” foi encontrado na sede da torcida e que os nove suspeitos no caso das bombas caseiras presos pela Delegacia de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP) de Maceió, em 2023 “não tem ligação nenhuma com a entidade”.



Grêmio Recreativo Esportivo e Cultural Torcida Organizada

MANCHA AZUL

CNPJ.: 00.816.863/0001-31

NOTA OFICIAL

O Grêmio Recreativo Esportivo e Cultural Torcida Organizada Mancha Azul esclarece que apesar das investigações não terem sido finalizadas e o processo ainda está em andamento, afastou preventivamente todos os membros investigados e os mesmos através de seus respectivos advogados estão se defendendo judicialmente dos crimes imputados. Impende ressaltar que no dia da Operação Red Blue, em nossa sede social não foi encontrado absolutamente nada de ilícito e os materiais apreendidos foram somente faixas, bandeiras, instrumentos e vestimentas. Já no caso das bombas espalhadas em pontos de Maceió em 2022, apesar das explosões terem sido atribuídas a torcida organizada, os 9 suspeitos presos pelo DHPP em 2023 não têm ligação alguma com nossa entidade. Informamos ainda que em nenhum momento nossa instituição foi procurada para esclarecer tais acusações. Todavia nunca nos negamos a colaborar com as investigações quando necessário e que estaremos sempre abertos ao diálogo.

Por fim, salientamos que a nossa instituição já possui mais de três décadas e que desde nossa fundação em 1992, nosso único intuito é apoiar ao Centro Sportivo Alagoano - CSA, mas sem esquecer o lado social e as áreas carentes de nossa Maceió, fazendo um trabalho árduo e diário com o social, esporte e lazer para que todos possam se sentir incluídos e parte da sociedade, sem distinção, sendo assim, jamais deixaremos nossa imagem ser vinculada à organização criminosa.

À DIRETORIA

Figura 32. Mancha comunica afastamento de todos os investigados na Operação Red Blue. Fonte: Reprodução/@manchazuldocsaoficial92

A reportagem também encontrou no perfil oficial da Comando Alvirrubro no Instagram (@tocv1993oficial), hoje com mais de 31 mil seguidores, posicionamento da torcida contrário ao discurso da violência no futebol. Lá a organizada também tem publicando mensagens oficiais repudiando qualquer tipo de aliança que manche a cultura do futebol ou que venha prejudicá-la.



Figura 33. Comando publica nota contra tumulto ocorrido no ponto turístico “Marco dos Corais” no bairro Ponta Verde, em Maceió. Torcedores filiado à organizada participaram da confusão. Fonte: reprodução/@tov1993oficial

Além dessa, uma postagem chamou a atenção, trata-se da íntegra da nota oficial da Comando exibida no Fantástico no dia 21 de abril de 2024. No período, o programa televisivo da Rede Globo de Televisão exibiu uma videoreportagem sobre o suposto esquema de organização criminosa envolvendo torcedores da Mancha Azul e do Comando Alvirrubro, conforme a denúncia apresentada ao MPAL pela PCAL.

Com o título **“Onze dirigentes de torcidas organizadas no banco dos réus por organização criminosa”**, a reportagem apresenta duas pessoas vítimas (perderam as mãos) na explosão de bombas caseiras. Os artefatos teriam sido produzidos por torcedores ligados às duas principais torcidas do CSA e do CRB. O caso das bombas ganhou repercussão ainda em 2022 e, segundo a videoreportagem, 50 unidades foram apreendidas pela PCAL, até então.



Figura 34. Print de reportagem do Fantástico exibida em 21 de abril de 2024. Em destaque, vítima que perdeu a mão devido à explosão da bomba enquanto trabalhava no HGE, em Maceió. Fonte: Reprodução/Globoplay/Fantástico/2024

Em postagem no perfil oficial da Comando, em 22 de abril deste ano, a assessoria jurídica da organizada intitula a operação Red Blue, deflagrada em 19 de dezembro de 2023, como algo instituído de forma “desnecessária e midiaticamente” e reforça que não foi encontrada “nenhum material ilícito na sede torcida, ou que pudesse, ainda que indiretamente, ser vinculado à presente agremiação”.

Por fim, critica o discurso de que a extinção das organizadas seria a solução para erradicar a violência setorial no futebol.

NOTA OFICIAL

1/2

O GRÊMIO RECREATIVO SOCIAL CULTURAL TORCIDA ORGANIZADA COMANDO

ALVI RUBRO, através de sua representação jurídica, esclarece que mantém contato recorrente e transparente com o Ministério Público Estadual de Alagoas e o Comando de Policiamento da Capital, com o propósito de garantir a ordem social e a paz dentro e fora dos estádios.

Pela importância e relação inextricável com o conteúdo desta nota, DECLARA que veementemente rechaça discursos violentos ou de incitação ao crime e que, antes de ter suas atividades suspensas, **sempre manteve** uma política interna severa de combate à violência e busca pela paz social.

Logo, a Diretoria da Torcida Alvirrubra sempre compareceu a todas as reuniões e a todos os atos administrativos, investigativos e processuais para os quais fora convocada e, com o propósito de garantir que houvesse a devida responsabilização individual de pessoas eventualmente envolvidas em delitos de qualquer natureza, forneceu documentos, filmagens, DVR da própria sede, relação dos seus associados, como também os diretores prestaram diversos depoimentos.

Surpreendentemente, mesmo tendo agido sempre comprometida com a legalidade e boa-fé, atendendo a todos os pedidos formulados pelo Poder Público, fornecendo tudo que lhe fosse solicitado de modo objetivo e transparente, em 19 de dezembro de 2023, deflagrou-se, desnecessária e midiaticamente, a operação **REDBLUE**.

Como não poderia ser diferente, quando do cumprimento dos mandados de busca e apreensão, DESTACAMOS que **não foi encontrado nenhum material ilícito na sede desta Torcida** Organizada, ou que pudesse, ainda que indiretamente, ser vinculado a presente agremiação recreativa.

O GRÊMIO RECREATIVO SOCIAL CULTURAL TORCIDA ORGANIZADA COMANDO

ALVI RUBRO não pode ser coletivamente responsabilizado por pretensos comportamentos de indivíduos que transcendem os seus propósitos e filosofia.

Figura 35. Print do Instagram. Comando se manifesta no contexto da operação Red Blue, que apreendeu, injustamente, segundo juízes do TJAL, material personalizado da torcida: Fonte: reprodução/@tocv1993oficial



tocv1993oficial



Pior, a equivocada suposição de que a extinção das Torcidas Organizadas acarretaria a extenuação da delinquência nos estádios é, além de tudo, contrafática. O CNPJ pode até ser encerrado, a camisa e os materiais da Torcida podem até ser queimados (medida esta que fora representada pela Autoridade Policial responsável pela operação *REDBLUE*), mas o CPF criminoso, o real responsável pelos ilícitos combatidos de forma colaborativa pelas Organizadas, ainda irá frequentar os estádios de forma livre.

Ademais, imperioso lembrar que o direito de associação é constitucionalmente assegurado no Art. 5º, inciso XVII da CF/88. A perseguição às torcidas organizadas no Estado de Alagoas tornou-se medieval com seu viés inquisitorial cheio de irregularidades e pedidos absurdos como o de realização de uma fogueira com todos os materiais do patrimônio desta Torcida Organizada.

Em conclusão, esta Torcida em nenhum momento busca a impunidade de criminosos, mas sim que seja realizado um processo justo. A regra do jogo deve ser respeitada dentro do campo e dentro do processo judicial.

Maceió, 19 de abril de 2024

JÚLIA DA CUNHA MOREIRA DE FIGUEIREDO

OAB/AL 17.953

Figura 36. Print do Instagram. Comando questiona operação Red Blue e defender responsabilizar individualmente responsáveis por violência no futebol invés das organizadas: Fonte: reprodução/@tocv1993oficial/2024

Na época da suspensão, Philipe, presidente da torcida, afirmou o que era esperado quanto aos resultados da operação:

“A expectativa é essa [retornar] até porque a gente confia na justiça, né? E tudo seja esclarecido, tudo certinho, né? A gente tem nossa defesa, né? O caso [a forma como a polícia investigou] que aconteceu pra mim [sic] também foi muito, muito errôneo, complicado da suspensão, né? Teve várias falhas ali, tem coisas que não condizem, várias coisas que não condizem. Então a gente está confiando na justiça, né? Seja justo na verdade, e tô [sic] muito esperançoso de ter um resultado positivo”.

Se por um lado, Philipe apoia-se no argumento de que “a violência está contida na sociedade” e as origens e influências sociais do torcedor moldam a forma como ele vê o mundo; por outro, reconhece que as organizadas poderiam e deveriam colaborar mais no sentido de realizar um trabalho melhor de conscientização com os jovens que fazem parte da organizada e torcedores em geral.

“Às vezes eu vejo também muita falha nossa de não chegar nesse pessoal. Fazer, tipo assim, seminários, que era um dos projetos que a gente vinha fazendo com o policiamento e com a promotoria, né? Fazer seminários, trazer o pessoal pra conversar, né? Hoje, nosso pessoal também é composto por muita gente nova que entrou há algum tempo, há três, cinco anos, e ainda não tem essa experiência. Acha que o que está passando na televisão, que a torcida é aquilo, e acha que aquilo ali é o certo. Na verdade, não é. O real intuito da torcida não é esse. É apoiar o clube incondicionalmente e fazer a festa na arquibancada”.



Para Carol Oliveira, uma das líderes do Núcleo Feminino da Mancha Azul, há um problema da difusão midiática quanto à generalização para todas as pessoas que fazem parte da associação: “Existem coisas que acontecem – brigas, conflitos – e outras não. Por exemplo, generalizar, como saiu notas por aí, principalmente da polícia, dizendo que a rede social da Mancha contava com mais de 100 mil seguidores, que eram torcedores, e todos vagabundos. Eu não me considero vagabunda. Eu trabalho, eu estudo. Em curso uma faculdade. Eu sou mãe de família. Mas eu também sou torcedora organizada. E nada me impede de estar aqui”.

Carol se ofende com a definição de “vagabunda/vagabundo” para quem compõem torcidas organizadas: “Para mim – essas notas que saíram – foi até uma ofensa, como é pra muitos. Você vai ver pessoas que fazem parte da diretoria, da torcida, que tem estudo, tem toda uma vida. Então, chamar de vagabundo, é uma coisa muito ‘forte’ e ‘inaceitável’ ”.

Além disso, destacou que a Mancha apoia causas sociais, inclusive as manifestações pela paz: “Enfim, a gente não apoia o que prejudica. Pelo contrário. A gente apoia isso daqui – caminhada da paz -, uma camisa, uma caminhada, envolvendo todas as torcidas. A gente apoia o momento que vai ter hoje no estádio também, que é um minuto de silêncio na entrada do campo, com torcedores autistas, do CSA e do CRB. Então, a gente apoia coisas que façam a torcida andar e que façam ela ser vista pelo bem”.

“Torcer sem violência”

Durante a pandemia do Coronavírus que levou à restrição da circulação de pessoas em locais públicos e consequentemente à paralisação dos jogos no futebol mundial, a Mancha seguia, na medida do possível, realizando ações sociais em Maceió, como doação de alimentos. Segundo Carol Oliveira, a torcida promove ações todo ano em datas alusivas.

Ações, por exemplo, no Dia Internacional da Mulher, no estádio Rei Pelé; entrega alimentos em casas de idosos, a exemplo de leite arrecadados entre os torcedores. As atividades são publicados no Instagram. A última publicação aconteceu no Dia das Crianças de 2024, quando mulheres da Mancha doaram brinquedos e promoveram uma tarde de inclusão e lazer.



Figura 37. Mulheres da Mancha Azul realizam ação em alusão ao Dia das Crianças na sede da torcida. Fonte: Reprodução/@nucleofemininoma

A preocupação com a mudança da imagem construída midiaticamente das torcidas é uma marca na fala dela, que aponta a falta de melhor cobertura para as atividades boas promovidas pelas associações:

“A gente chamou recentemente a TV Gazeta para fazer uma reportagem com a gente no dia de ação social, e não vieram. E quando a polícia recolheu nosso material na ação Red Blue, a mídia ficou toda voltada pra lá”,

desabafou Carol Oliveira quando perguntada sobre a influência da imprensa para a construção da imagem de que as torcidas organizadas são violenta e representariam um ônus à cultura futebol no Brasil.

Presença femininas nas torcidas

Criado em 2005, o núcleo feminino da Mancha Azul tem mais de 40 mulheres. Elas são responsáveis pelas ações sociais e de comunicação da torcida, e colaboram nas decisões da diretoria, entre outras atividades.

O Comando Alvirrubro (CRB), conta com o Pavilhão feminino desde 2007. O Pavilhão, que fez aniversário de 17 anos dia 05 de agosto de 2024, também ganhou visibilidade interna e contribui para o crescimento da torcida ao planejar, coordenar e executar ações sociais ao longo do ano.



Figura 38. Torcedoras do CSA na sede da organizada e torcedoras do CRB no Rei Pelé. Fonte: @nucleofemininoma e @pavilhãofemininoficial

No Instagram, as meninas das duas torcidas contam em média mais de 13 mil seguidores em cada perfil. Além das ações sociais, campanhas inclusivas, fotos de integrantes durante os jogos dos times e mensagens de incentivo às próprias integrantes e ao crescimento de forma geral da presença da mulher no futebol também são tema de posts na rede social.

“A presença feminina hoje na torcida é grande. Até pelo fato da própria evolução da sociedade, as mulheres vêm conquistando um espaço dentro do futebol, dentro da torcida. Hoje em dia o pavilhão feminino está crescendo bastante. Nove por cento das redes sociais é feita pelo pavilhão feminino”, comentou Phillipe para o caso da torcida organizada alvirrubra. Sobre a Mancha, Carol disse o seguinte:

“A gente tem a programação, mensalmente está realizando ações em torno da cidade, seja doação de sopão, como aconteceu em dezembro [de 2023] ou algum tipo de arrecadação para lares adotivos ou de idosos. Dia 27 de janeiro, a gente realizou a arrecadação nos grupos do CSA e da torcida para poder comprar leites que estavam em falta nesse lar de idosos, que é o Luíza Marillac [Petrópolis]. A gente realizou doação de leite em pó, integral e desnatado, e leite líquido também, assim como ofertamos o lanche da tarde, com bolo e suco”.

Essa aparente liberdade de atuação das mulheres nas organizadas do futebol de Alagoas, no entanto, é algo recente. Em 2019, por exemplo, a Mancha Azul, composta em sua maioria por homens, suspendeu por tempo indeterminado o núcleo feminino depois que uma foto das azulinas com mulheres membros do Pavilhão Feminino, da Comamdo, recebeu comentários negativos entre fãs azulinos nas redes sociais.

A notícia da suspensão do núcleo pegou as próprias integrantes de surpresa, já que, segundo uma advogada (o nome não foi divulgado) a torcida Azulão Fascista, do CSA, não identificada na notícia, a própria Mancha (leia-se a diretoria) estavam cientes que haveria o encontro realizado no estádio Rei Pelé em 16 de agosto de 2019, ação liderada pelo grupo nacional Movimento Feminino de Arquibancada (MFA).

O movimento foi fundado em 13 de abril de 2019 com o lema “rivals em campo e irmãs na luta”. Há representantes mulheres em todo o país no MFA. O movimento luta pela garantia da liberdade da mulher no âmbito esportivo, pela segurança nos eventos e contra o machismo nos estádios.



Figura 40. “Após tirar foto com torcida rival, núcleo feminino da Mancha Azul recebe punição” título da matéria publicada no portal *Tnh1*. Fonte: Reprodução/*Tnh1*



Grêmio Recreativo Esportivo e Cultural Torcida Organizada

MANCHA AZUL

CNPJ.: 00.816.863/0001-31

Maceió, 17 de junho

O G.R.E.C.T.O. MANCHA AZUL vem por meio desta publicação informar a suspensão por tempo indeterminado de todo o Núcleo Feminino de nossa torcida, o que acarreta na proibição de suas atividades em organização de eventos, ações ou qualquer que seja a representatividade em nome de nossa entidade, o motivo da suspensão é a total falta de respeito e ideologia perante a nossa torcida diante do último fato ocorrido em um evento em nome de um determinado movimento que luta por causas paralelas ao que realmente importa para nossa entidade, deixamos claro que não somos contrários a causa do Movimento Arquibancada Feminina, porém está definitivamente proibido assuntos paralelos dentro de nossa torcida, assuntos esses que em nossa avaliação não somam em nada para a nossa entidade e ainda nos expõe a situações que não vamos permitir que se repita.

Desse modo, a partir dessa publicação todas que compõe o NÚCLEO FEMININO, estão suspensas e impedidas de realizarem o que quer que seja em nome do G.R.E.C.T.O. MANCHA AZUL, além de estarem proibidas de usar o nome de nossa entidade em ações futuras para assuntos paralelos que não sejam sobre a MANCHA, o CSA ou assuntos diretamente ligados ao Movimento de Torcida Organizada, nossa bandeira e causa a se defender e se debater são essas e mais nenhuma.

Esperamos ter sido o mais claro possível diante dos fatos, desde já contamos com a compreensão de todos que compõem nossa entidade, a caminhada segue forte, IDEOLOGIA, FORÇA E IRMANDADE, esses são os nossos lemas e por eles sempre lutaremos e defenderemos, SOMOS A MANCHA.

Att. À Diretoria

Figura 41. Foto de post da Mancha Azul comunicando a suspensão do Núcleo Feminino em 2019. Fonte: Reprodução/Tnh1.

Com a repercussão do caso, o MFA publicou no dia 18 de junho de 2019 uma nota de repúdio. Em um trecho da nota, o movimento ressalta o quanto certos grupos sociais, predominantemente liderados por homens, não aprovam a ideia de que as mulheres também conquistem seu espaço no futebol, nas arquibancadas e nas torcidas organizadas.



Figura 42. Nota de repúdio do movimento feminino de arquibancada diante da negativa sobre reunião entre torcedoras de CSA e CRB. Fonte: Reprodução/@mfanacional

“Jamais imaginaríamos que diante de uma foto onde mostra a sororidade, a empatia, a união em prol de algo maior, a vontade de acolher mulheres e pessoas que buscam seu espaço, o entusiasmo de fazer algo bonito entre outras coisas, pudesse ser alvo de não só críticas por parte de homens misóginos com síndrome de autoridade dentro de instituições que deveriam ser do povo, pro povo e em prol da igualdade futebolística, mas também de ameaças e expulsões/suspensões dessas mulheres de suas respectivas torcidas”, consta trecho da nota, divulgada no Instagram.

Sobre o cenário atual, Carol diz que há uma preocupação maior na Mancha Azul quanto à presença de mulheres em jogos de risco:

“Tinha uma questão que era mais digamos de segurança em que as meninas não podiam ir em jogos de guerra, consideradas de guerra. O que são jogos de guerra? Jogo contra torcidas rivais que devem ter confronto e violência. Tipo, hoje só aqui no estado [contra o CRB], entendeu?”.

A situação se reproduzia, segundo a torcedora, nos jogos fora de Alagoas: “Por exemplo, quando a gente vai a Pernambuco, muitas têm um território contra a torcida organizada do Náutico e a antiga Jovem do Sport. Mesmo tendo policiamento, normalmente sempre acontece alguma coisa, seja elas jogando pedra ou até mesmo artefatos explosivos. Então, sempre teve isso e para ter proteção das meninas, tinha essa questão, e hoje não tem mais”.

“Ano retrasado, inclusive, teve a primeira liberação que fomos a um jogo direto contra o Sport – onde a antiga Jovem do Sport estava presente – e lotamos um ônibus com mulheres”, complementou.

No caso do Comando, Philipe Marques diz que alguns desses cuidados seguem. “Tem algumas instruções, né? Por exemplo, quando o jogo é contra o nosso rival [CSA]. Então, tipo assim, a gente limita aquelas quantidades de meninas, se a gente for na nossa caravana, tem aquela quantidade limitada, né? Até porque a gente sabe do grau de risco que vem acontecendo, né? do rival, até pelo histórico. Então a gente delimita nesses jogos principalmente, né? Mas em outros jogos é liberado. Não tem qualquer problema”.

Philippe também destacou que, fora essa, não haveria outras limitações às mulheres da torcida organizada.

“Tem torcida, por exemplo, que não deixa as meninas tocarem no patrimônio na bandeira, na faixa, a gente, não. Tirando essa questão desses jogos contra nossos rivais, o resto é assim: elas têm total autonomia pra tocar na bateria, nas reuniões internas, inclusive a gente tem meninas na diretoria. Então a gente lança uma pauta, a gente vai discutir entre a gente, né? A opinião não é masculina, nem opinião feminina, a opinião é da torcida organizada né?”.



Figura 43. Policias militares circulam em torno Rei Pelé, em Maceió, enquanto torcedores aguardam para entrar no estádio. Fonte: Shelton Melo/AcervoPessoal

Abordagem policial e relação com Juizado do Torcedor

Em Maceió, a segurança no estádio é feita pela PMAL, considerando a chegada das torcidas ao estádio e entorno deste e passando pela entrada e controle interno.

“A gente [ainda busca] o respeito quando a gente chega no estádio. Quando a gente realiza algumas movimentações, há esse preconceito da torcida organizada em si, ainda mais por ser mulher. Por exemplo, hoje a revista policial, é muito mais invasiva. Quando você vai com uma blusa que representa a torcida organizada, se torna até pior. Estamos com a camisa do CSA normal, a gente já vê uma dificuldade e quando você está camisa de torcida [organizada], e ainda feminina, é pior. Eu falo porque eu já vivi isso”, revelou Carol à reportagem.

Phillipe também apontou para esse fato. O comportamento da PM durante as abordagens é mais incisivo com torcedores organizados.

“Estava tendo essa questão da setorização, e as torcidas só entravam por um lado [do estádio] e a outra no outro lado... Era torcedor comum, né? E a abordagem era totalmente diferente. Com a gente só falta virar o cara de cabeça para fazer a abordagem. Isso aí já aconteceu. Então um caso que é revoltante, né? A gente é torcedor. Aí às vezes até o pessoal deixa de ir com a camisa organizada justamente pra não passar por aquilo”.

O Estatuto de Defesa do Torcedor criou a figura do “Juizado do Torcedor”, presente nos estádios para julgar e executar possíveis crimes em espaços esportivos. O líder do Comando afirma que não há tanto diálogo com este: “Pessoalmente, pra [sic] ser sincero, o contato que a gente tem com a FAF e o juizado, é pouco”.

Philippe afirma que, até então, nunca tinha tido reunião com a FAF, responsável pelo futebol profissional no Estado. Assim, a melhor relação institucional com órgãos responsáveis pelo evento e sua segurança se dava com a Promotoria do Torcedor, ligado ao MPAL, representada pela promotora Sandra Malta.

“A doutora Sandra é bem solícita com relação a isso, né? Eu até agradeço também a ela. Ano passado, no final do ano, a gente pediu uma reunião com o Ministério Público, né? Pra conversar também das coisas que estão acontecendo, do nosso projeto, que a gente tem que fazer né? De umas ideias que a gente tinha né? E prontamente foi aceita. A gente fez a reunião com a doutora Sandra e com o CPC [Comando de Policiamento da Capital] né? A gente saiu de lá com sentimento de resultado positivo, né?”



O que dizem CRB e CSA?



Capítulo 5

No dia 7 de setembro de 2024, o CSA comemorou seus 111 anos de história. A celebração ocorreu no Centro de Treinamento do clube, situado na Cidade Universitária, na parte alta de Maceió. Torcedores comuns e membros da Mancha Azul participaram de forma amigável do evento festivo, ao lado de diretores, da imprensa e da presidência do clube.



Figura 44. Membros da Mancha Azul colocam bandeirão da torcida na sede do CSA dia 01 setembro de 2024. Fonte: Shelton Machado/Acervopessoal

A partir desse evento, a reportagem notou que a permanência do CSA na Série C do Campeonato Brasileiro 2024 foi fundamental para estreitar a relação entre a instituição e sua principal torcida.



Figura 45. Presidenta, torcedores e dirigentes do CSA comemoram os 111 anos do clube na Cidade Universitária. Fonte: Shelton Machado/Acervo Pessoal

No caso do CRB, a aproximação com a Comando não ocorreu durante a festa. Com o desempenho abaixo do esperado da equipe neste ano, celebrar os 112 anos de história e deixar espaço para que os torcedores do clube, sejam organizados ou não, protestassem durante a comemoração, seria impensável. O comunicado enviado pelo clube aos convidados destaca.

“Visando preservar o bom relacionamento com a torcida e as marcas, infelizmente, precisamos cancelar a festa em comemoração aos 111 anos do Clube, devido ao atual cenário. Pedimos desculpas pelo transtorno e agradecemos a compreensão de todos. Reforçamos que a fase atual do CRB não representa nossa trajetória, porém acreditamos que o momento não é para celebrar”.

Essa postura do CRB e do CSA com as suas respectivas torcidas, aponta para o fato que o presidente da Comando Alvirrubro, Philipe Marques, destacou durante entrevista à reportagem no Casarão do CRB.

“Um ponto muito importante é que isso [crescimento dos torcedores] depende muito da fase do clube. Tecnicamente quando a equipe está mal, a torcida também dá uma queda. Quando a equipe está jogando bem, tecnicamente a torcida também vem numa crescente, isso é uma coisa natural”.

Outro fato revelado pela assessoria do CSA refuta a alegação da PCAL na operação Red Blue, de que a Mancha não tinha autorização para utilizar os símbolos oficiais do clube em seus materiais esportivos personalizados.

“O clube não se opõe [que a Mancha Azul utilize a marca do CSA], **e, legalmente**, permite a utilização da sua marca pelas torcidas organizadas, seja ela qual for. Mas sempre com espírito esportivo. Qualquer coisa que fuja do futebol, não é responsabilidade do clube”, diz trecho da mensagem enviada via whatsapp à reportagem.

A mesma versão foi reiterada pela integrante do Núcleo Feminino da Mancha Azul, em entrevista durante a "caminhada da paz" com torcedores até o estádio Rei Pelé, no bairro do Trapiche.

“Falaram [na operação Red Blue] que a gente não tinha permissão do clube de usar o símbolo. Isso é inadmissível. Somos a maior torcida de Alagoas e a mais antiga do CSA. inclusive, ano retrasado, em alusão aos 30 anos da organizada, o próprio CSA lançou uma blusa, que a gente podia entrar no estádio, independentemente de punição, com alusão ao 1992, que é [o ano de fundação] da Mancha. Ou seja, como é que clube não tem ciência sobre a alusão à camisa? Isso não existe!”



Figura 46. Uniforme lançado pelo CSA em homenagem aos 30 anos da Mancha Azul, celebrado em 2022. Fonte: Reprodução/@lojaazulao

Na prática, os clubes ainda fazem pouco para combater a violência no futebol em Alagoas. Apesar da recorrência de confrontos entre torcedores, tanto identificados quanto não identificados com a Mancha e a Comando, dentro e fora do estádio Rei Pelé durante os jogos, eles se limitam a participar de reuniões.

Essa interação ocorre de forma indireta, quando são convocados para audiências públicas promovidas pelo Ministério Público, com o objetivo de debater e assinar Termos de Ajustamento de Conduta (TAC) para combater as brigas entre torcedores nos jogos de futebol em Maceió, no Rei Pelé.

Foi o que ocorreu em janeiro deste ano, quando foram definidas regras a serem cumpridas pela Mancha e pela Comando, como a atualização do cadastro de seus membros para garantir o acesso ao estádio. Essas reuniões emergenciais acontecem com frequência na sede do Ministério Público de Alagoas, com a participação de representantes da PCAL, FAF e Selaj.

Em resumo, CSA e CRB só dialogam com as duas torcidas organizadas quando são convidados (ou pressionados) por entidades legais e esportivas, como o Ministério Público Estadual, o Tribunal de Justiça ou a FAF, para discutir temas que, caso não sejam resolvidos, podem prejudicar os interesses comerciais dos clubes ou, em última instância, afetar negativamente sua imagem na mídia e perante os torcedores.

Responsabilidade dos times

A postura adotada pelo CRB e pelo CSA em relação às suas respectivas torcidas reflete o ponto destacado pelo presidente da Comando Alvirrubro, Philipe Marques, durante entrevista à reportagem no Casarão do CRB, em Jaraguá.

Embora esse fato seja relevante, ele por si só não justifica a responsabilização total dos clubes por qualquer ação violenta. De acordo com a Lei Geral do Esporte (LGE, 14.597/2023), a responsabilidade dos clubes pela segurança no entorno do estádio se estende a um raio de até 5 km, enquanto as confusões entre torcedores da Mancha (CSA) e do Comando (CRB) ocorrem em bairros distantes do Estádio Rei Pelé.

Contudo, em abril deste ano, a CBF modificou o Regulamento Geral de Competições (RGC) de 2024, ampliando a responsabilidade dos clubes. A mudança foi motivada pelo ataque a um ônibus do Fortaleza por torcedores organizados do Sport, ocorrido em fevereiro de 2024, em Pernambuco. O veículo foi apedrejado, e alguns jogadores do Fortaleza precisaram ser atendidos em hospital devido aos ferimentos.

“Os clubes, sejam mandantes ou visitantes, são responsáveis por qualquer conduta imprópria do seu respectivo grupo de torcedores nos termos do Código Disciplinar da FIFA e do Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD)”, está expresso no código 79.

Agora, as equipes terão que responder por atitudes impróprias cometidas por seus torcedores, seja contra delegações ou equipes de arbitragem durante os deslocamentos. Já o artigo 135 detalha as punições para quem violar o regulamento, incluindo medidas como multas, perda de pontos e até desclassificação de competições.

Na prática, a questão da responsabilização dos clubes em casos de conflitos causados por torcedores, tanto dentro como fora dos estádios, se tornou mais complexa.

Isso ocorre porque impõe às equipes uma obrigação que vai além do aspecto objetivo, além de ser contrária à LGE, conforme mencionado anteriormente. Para resolver a situação, a CBF e o poder público precisarão trabalhar em conjunto

.

Além disso, os próprios torcedores também têm sua parcela de responsabilidade, conforme estabelecido pelo Estatuto do Torcedor (Lei 10.671/2003).

Esse documento define direitos e deveres para torcedores, clubes e federações em eventos esportivos. Esses deveres, atualizados pela LGE (14.597/2023), incluem a obrigação de respeitar regras de conduta, evitar práticas violentas e colaborar com a segurança nos eventos.

O que é feito em Alagoas para

combater a violência no futebol?



Capítulo 6

Nos últimos anos, os órgãos públicos e as entidades ligadas ao futebol em Alagoas têm se esforçado para desenvolver uma cultura de paz entre as duas principais torcidas organizadas do CSA e CRB, por meio de ações de prevenção, punição e reeducação.

No âmbito legal e civil, conforme explica Sandra Malta, essas ações estão sob a responsabilidade da PCAL, PMAL e MPAL. O Ministério Público de Alagoas, por meio do Juizado Especial e Criminal Torcedor, julga crimes de menor potencial ofensivo, como ameaça, lesão corporal e uso de entorpecentes, além de casos mais específicos relacionados ao Estatuto do Torcedor (Lei nº 10.671/2003).

“A gente previne com as ações civis públicas, com os TACS, com recomendações e em conversas com os torcedores. Já tivemos aqui em Maceió jogos de portões fechados, com torcida única; momentos em que torcedores pegaram seis meses de suspensão. Quando os crimes ocorrem fora do estádio, nós temos um problema sério de segurança pública”, reforçou a promotora.



Figura 47. Sede da Academia de Polícia Militar de Alagoas, situada no bairro Trapiche da Barra, em Maceió. Fonte: Shelton Melo/Acervopessoal

Reunião preparatória

Com o aumento de episódios violentos de torcedores em Maceió nos últimos anos, o plantão agora é realizado só em dias de jogos de CSA e CRB, principalmente quando as duas equipes estão em campo com a presença dos fãs nas arquibancadas. Nessas ocasiões, a PMAL realiza com antecedência uma reunião preparatória com representantes da Mancha Azul e da Comando Alvirrubro, e outros movimentos de torcedores das equipes.

Em setembro de 2022, antes de CSA e CRB duelarem pela 29ª rodada do Brasileiro da Série B, a reportagem acompanhou uma reunião preparatória na Academia de Polícia Militar, no bairro Trapiche, em Maceió. Imprensa, militares da corporação e líderes das organizadas estiveram presentes no encontro.

A reunião teve como objetivo orientar os torcedores quanto a presença das torcidas no estádio Rei Pelé. Regras de acesso ao estádio e saída dos torcedores, interdição do trânsito em torno da arena, liberação dos materiais esportivos (faixa, bandeiras, instrumentos) e deslocamento das uniformizados com escolta da PM até o Rei Pelé foram os principais quesitos discutidos entre os presentes.

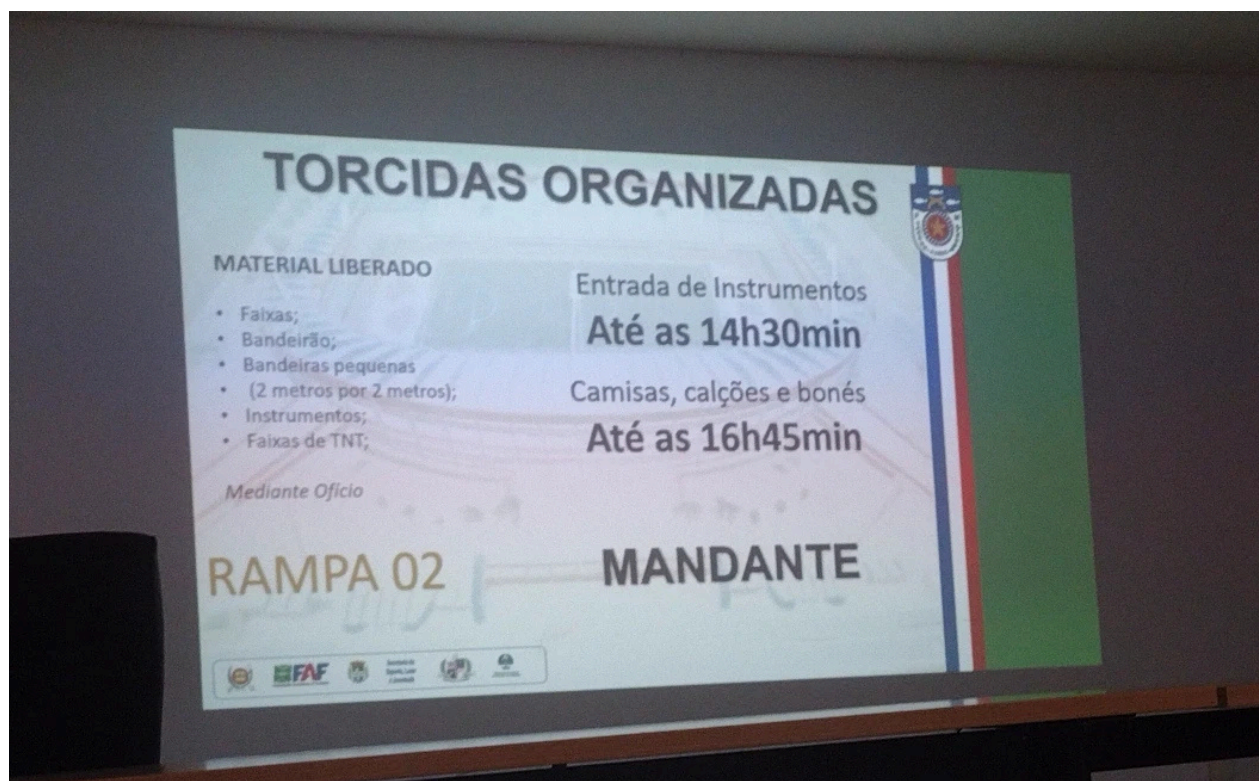


Figura 48. Print de slide apresentado durante reunião preparatória realizada em setembro de 2022, em Maceió. Fonte: Shelton Melo/AcervoPessoal.



Figura 49. Print de slide apresentado aos representantes das torcidas, na Academia da PMAL, visando jogo entre CSAx CRB. Fonte: Shelton Melo/Acervopessoal

Durante a conversa com os torcedores, ficou evidente que várias medidas padrão são adotadas pelas forças de segurança pública envolvidas na organização dos jogos no Rei Pelé, especialmente nas partidas entre CSA e CRB.

O clube mandante tem responsabilidades específicas, como garantir a abertura das catracas e dos portões do estádio no horário previsto, além de assegurar atendimento médico adequado aos torcedores até a saída da torcida visitante. A FAF, por sua vez, tem a missão de controlar o acesso ao campo e supervisionar os ambulantes presentes no evento.

Como administradora do Estádio Rei Pelé, a Secretaria do Esporte, Lazer e Juventude de Alagoas (Selaj), deve assegurar o funcionamento das câmeras de segurança, realizar a limpeza do local e remover qualquer material que possa ser utilizado para atos violentos.

Além disso, a Selaj é responsável por avisar, por meio do sistema de som, que a torcida visitante só pode sair 30 minutos após o término da partida. Esse protocolo foi seguido durante o jogo de 2022, quando o CRB jogou como visitante e o confronto contra o CSA terminou empatado em 1 a 1.

Ações

No setor esportivo, o Governo de Alagoas, por meio da Selaj, tem implementado ações educativas com o objetivo de reforçar a sensação de segurança e bem-estar dos torcedores nos estádios, além de minimizar polêmicas relacionadas à violência no futebol, tanto entre os fãs quanto na mídia.

Entre essas ações estão eventos inclusivos voltados para o público infanto-juvenil, como o Dia das Crianças, realizado em outubro de 2024, no Estádio Rei Pelé, para os filhos de torcedores do CRB e do CSA. A atividade contou com oficinas esportivas, como beach tênis, judô e futebol, além de brincadeiras e apresentações especiais. Dezenas de crianças se divertiram durante o evento.

Essa ação foi organizada pelo Ministério Público de Alagoas (MPAL), em parceria com a Selaj, a FAF, o Corpo de Bombeiros, e as agremiações CSA e CRB. Ela faz parte do projeto "Jogando pela Paz", que é promovido em conjunto pela Secretaria de Segurança Pública (SSP), a Polícia Civil de Alagoas (PCAL), a FAF, o MPAL, a Polícia Militar (PM) e a Selaj. Criada em 2018, a iniciativa tem como objetivo promover a pacificação entre os torcedores que frequentam os jogos em Maceió. Ao redor do Estádio Rei Pelé, placas com sinalização da campanha reforçam essa mensagem de paz e convivência harmônica.



Figura 49. Estádio Rei Pelé (à esquerda) e foto do slogan da campanha “Paz nos Estádios” que está adesivada no estádio. Fonte: Shelton Melo/Acervopessoal

Inclusão

Em janeiro deste ano, mais de 20 crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) das torcidas inclusivas do Galo de Praia e do Azulão do Mutange tiveram a oportunidade de acompanhar de perto os jogadores de CSA e CRB no Estádio Rei Pelé, em Maceió, durante o primeiro clássico do ano.

A ação aconteceu no dia 28 de janeiro, em parceria com a Prefeitura de Maceió, durante a 3ª rodada do Campeonato Alagoano. Uma equipe de psicólogos deu apoio aos familiares dos torcedores, que receberam abafadores de ruídos para auxiliar na experiência. A realização da Taça das Grotas em 2023 e os investimentos em programas como o "Na Base do Esporte" são exemplos de outras iniciativas implementadas no estado com o objetivo de aproximar as torcidas dos estádios e, assim, combater o vandalismo.

Da mesma forma, as torcidas organizadas planejam um calendário de atividades sociais ao longo do ano. Como revelou Carol Oliveira, integrante do Núcleo Feminino da Mancha, diversas instituições são beneficiadas com doações de alimentos e ações inclusivas em datas especiais.

Essas iniciativas se intensificaram neste ano, especialmente após a autorização da TJAL para o retorno da Mancha e do Comando aos estádios e para o funcionamento de suas sedes.

Reconhecimento facial

Outro elemento que está relacionadas indiretamente às torcidas como um todo são as câmeras de reconhecimento facial. A tecnologia de ponta passou a ser instalada nas arenas esportivas para auxiliar o trabalho de segurança pública da polícia militar durante eventos esportivos nos estádios de futebol.

No Rei Pelé, em Maceió, a tecnologia já é realidade. Em janeiro de 2023, foi inaugurado no estádio um sistema de câmeras de reconhecimento facial. Considerando o contexto das brigas entre torcidas em Maceió, a agressão ao torcedor do CSA, o Peu, em maio deste ano, contribui para que o governo aja.

Segundo a SSP, a tecnologia serviria para auxiliar as autoridades policiais a identificar atos ilícitos ou autores durante eventos esportivos.



Figura 47. A instalação de câmeras de reconhecimento facial no Rei Pelé faz parte do projeto “Jogando pela Paz”, iniciado em 2018. Fonte: Anderson Santos/Acervo Pessoal

A sala de monitoramento inteligente do estádio foi expandida, passando de 25 para 72 câmeras de alta tecnologia, incluindo 66 fixas e 6 móveis, que podem ser controladas remotamente e têm 360º de alcance.

Apesar da modernização, o sistema de monitoramento gera preocupação entre pesquisadores, especialmente devido a casos de reconhecimento irregular em alguns estádios do Brasil.

Um dos coletivos que acompanha essa implementação é o Panóptico, projeto do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que desde 2019 monitora e analisa a adoção de tecnologias de vigilância no país, com ênfase no uso de tecnologia biométrica durante eventos esportivos.

De acordo com a LGE (nº 14.597/2023), sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, todas as arenas esportivas com capacidade superior a 20 mil torcedores devem adotar a tecnologia de reconhecimento facial até 2025, conforme indicado na reportagem "Tecnologias biométricas: os dilemas do reconhecimento facial nos estádios", publicada no "The Conversation" em setembro deste ano.

No entanto, o relatório "Esporte, Dados e Direitos Humanos" (O Panóptico, 2024) alerta para os riscos do uso excessivo dessa tecnologia, que pode resultar em erros de discriminação, identificação incorreta e violação da privacidade do público.

Um exemplo citado é o caso do torcedor João Pedro, do Confiança. O fato aconteceu em abril de 2024. Durante o intervalo do jogo entre Confiança e Sergipe, válido pela final do Campeonato Sergipano, as câmeras de segurança o identificaram erroneamente como uma pessoa com mandado de prisão em aberto.

João Pedro foi constrangido publicamente, e o incidente gerou repercussão nacional. Ele relatou que, durante a abordagem, o policial afirmou que a tecnologia "difícilmente erra", mas o sistema estava errado. O governador do estado suspendeu a utilização da tecnologia após o caso se tornar público. (Panóptico, 2024)

A reportagem tentou obter explicações sobre o funcionamento e o alcance das câmeras de reconhecimento facial instaladas no estádio, contatando a Selaj pessoalmente e via WhatsApp, mas não obteve resposta.

Novo TAC

É importante destacar que, após o Poder Judiciário de Alagoas autorizar o retorno da Mancha Azul e do Comando Alvirrubro aos estádios em agosto deste ano, o MPAL, por meio do Juizado do Torcedor, tomou providências rápidas e estabeleceu um novo TAC, com regras a serem seguidas pelos integrantes das torcidas, em conformidade com a LGE.

As regras para o acesso dos membros das organizadas ao estádio não sofreram grandes alterações em relação aos encontros anteriores. As principais novidades desta vez foram:

- 1) Os presidentes da Mancha Azul e da Comando Alvirrubro entregaram atualizado o cadastramento dos integrantes das organizadas;
- 2) Foi limitado em 15 a quantidade de equipamentos (baterias, faixas, bandeiras) que podem ser levados ao estádio em dias de jogos, nos clássicos;
- 3) As torcidas estão proibidas de proferir agressões verbais e preconceituosas contra os agentes de segurança e torcedores rivais.



Figura 47. Maceió, 28 de janeiro de 2024. Torcedores do CSA em torno do Rei Pelé.

Fonte: Shelton Machado/Acervo Pessoal

Futuro próximo

Em 2025, os principais eventos esportivos locais serão retomados, como o Campeonato Alagoano, Copa Alagoas e as séries B e C do Campeonato Brasileiro, com a participação do CSA e do CRB garantidas, até o momento.

Com a crescente atenção da mídia local sobre o tema da violência no futebol, espera-se que a Mancha Azul e o Comando Alvirrubro, juntamente com as autoridades esportivas e públicas, assim como as agremiações CSA e CRB, adotem uma abordagem mais aberta e colaborativa, com cada parte defendendo seus interesses dentro do espaço democrático de direito e associativismo.

Embora esporadicamente ocorram brigas isoladas, longe do estádio Rei Pelé, como já aconteceu durante a produção desta reportagem (mas não foram documentadas), a tendência é que isso se repita de forma pontual. Na maioria dos casos, torcedores envolvidos em atos violentos terão pouco ou nenhum vínculo com a Mancha e o Comando, que têm adotado uma postura mais “profissional” nas redes sociais, divulgando suas ações sociais e parcerias de forma contínua, com o apoio de lideranças políticas.



Figura 48. Mais de 10 mil torcedores estiveram no Rei Pelé, dia 28 de janeiro, a maioria torcedores do CSA. Fonte: Shelton Machado/Acervo Pessoal

Em uma entrevista realizada no Casarão do CRB, antes da decisão judicial que autorizou o retorno das torcidas aos estádios, Phillipe Marques, presidente do Comando Alvirrubro, destacou que a torcida está em busca de uma nova "filosofia" de gestão e fará todo o possível para alcançá-la.

“Nosso lema é esse: primeiro o CRB, depois a torcida. A Comando Alvirrubro continua existindo e nunca vai acabar. Quem é Comando de verdade nunca vai deixar de ser Comando. Estamos correndo atrás, fazendo tudo o que nos pedem, e vamos conseguir”, afirmou.

Carol Oliveira, integrante do Núcleo Feminino da Mancha Azul, compartilhou a mesma visão ao destacar a proximidade com o Pavilhão Feminino do Comando: “É essencial que a gente [as torcidas femininas] continue nessa luta. Somos rivais apenas no campo. Fora dele, somos irmãs na batalha. Eu sou apaixonada pelo CSA, adoro estar nos jogos, colaborar nas caravanas e ter minha própria visão sobre a torcida, sem seguir a opinião dos outros.”

Ao longo de todo o processo de apuração deste livro-reportagem, as torcidas organizadas de CSA e CRB repaginaram suas imagens nas redes sociais, tornando-se mais conectadas na divulgação de ações e posicionamentos contra a violência no futebol. Esse contato direto com quem vivencia o dia a dia da torcida ampliou a discussão sobre o tema, permitindo que as próprias torcidas apresentassem seus pontos de vista, sem se limitar à interpretação da grande imprensa, que muitas vezes tem interesses comerciais e identitários em suas abordagens e reportagens.

Além das quatro linhas

violência no futebol

entre torcedores organizados de CRB e CSA

Shelton Machado de Melo Silva